

Oeiras

Oeiras em Revista

Oeiras Valley
Município Oeiras

OLHAR O FUTURO, SEM ESQUECER O PASSADO

Nº 119



Palácio Marquês de Pombal

Na posse do Município de Oeiras desde 2012, o Palácio Marquês de Pombal tem sido objeto de diversas intervenções de pequena e média dimensão, tendo como finalidade recuperar e melhorar os revestimentos de tetos, paredes e pavimentos interiores, bem como os vãos de madeira.

Verificou-se, neste processo, que as fachadas se encontravam revestidas com vários tipos de argamassa e níveis de pintura, tendo sido decidido proceder à sua reabilitação.

A recuperação total das fachadas contemplou a picagem integral de rebocos cimentícios modernos, a sua substituição por reboco à base de cal e acabamento final com recurso a barramento e tinta mineral também à base de cal, imitando os revestimentos caiados, característicos dos séculos XVIII e XIX.

No decorrer da obra confirmou-se, através de vestígios presentes no interior das paredes, que a cor mais antiga das fachadas correspondia à cor vermelho-alaranjada com que o palácio foi pintado, restituindo-se assim ao edifício a magnificência que ostentava na altura da sua construção.

Foram igualmente retiradas todas as cablagens que existiam, à vista, em calhas ou abraçadeiras, criando-se infraestruturas para a instalação futura de iluminação decorativa.

De modo a mitigar a contaminação das paredes pela entrada de água subterrânea, foi ainda executada uma vala drenante em toda a periferia do palácio. Partes da cobertura onde se verificava a acumulação de água e a presença de aves foram também intervencionadas, de modo a evitar a continuidade destas situações.

Toda a zona envolvente ao palácio que confronta com o Largo Marquês de Pombal foi requalificada com a substituição do material de revestimento dos antigos pavimentos (em calçada) por lancis e lajetas em granito.

FOTOS
Carlos Santos















Página 10
EDITORIAL
OLHAR EM FRENTE E SALTAR SEMPRE MAIS LONGE
Isaltino Morais

Página 16
OPINIÃO
OEIRAS BRANDING STRATEGY
Nélson Pires

Página 18
OPINIÃO
OS OBJECTOS TRANSCENDENTES
Jorge Reis-Sá



Página 2
ENSAIO
O PALÁCIO DO MARQUÊS DE POMBAL

Página 20
ENSAIO
JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE
EM OEIRAS

Página 30
ENTREVISTA
CAMANÉ
*"O fado sempre foi uma música para a vida,
não é uma música de sucesso fácil"*

Página 44
ENTREVISTA
ITAMAR VIEIRA JÚNIOR
"A maneira colonial de viver ainda está entre nós"

SUMÁRIO

PÁGINA 56
ENTREVISTA
SÉRGIO ALVES
"Não atingimos o potencial que o país tem para se investir cá"

PÁGINA 70
ENTREVISTA
GONÇALO CRISPIM
"O tipo de sistemas que desenvolvemos é central na sociedade"

PÁGINA 86
PERGUNTAS RÁPIDAS
A RUI UNAS

PÁGINA 40
ENCONTRE OEIRAS
PERCA-SE DE AMORES

PÁGINA 52
OEIRAS CRIA
O MAU É BOM

PÁGINA 68
ENCONTRE OEIRAS
OEIRAS FLORESCE

PÁGINA 80
OEIRAS SABOREIA
VIAGEM VÍNICA

O et Ras

Diretor
Isaltino Morais

Direção executiva
Carla Rocha, Nuno Martins

Editora
Sónia Correia

Entrevistas
Gisela Pissarra, Sónia Correia

Opinião
Jorge Reis-Sá, Nélson Pires

Fotografia
Carlos Santos, Carmo Montanha, Mafalda Mata Domingos, Paulo Lopes

Ilustrações
André Kano, Gonçalo Viana, Miguel Antunes

Execução
Gabinete de Comunicação do Município de Oeiras

Conceção gráfica e paginação
Vasco Ferreira

Tradução *versão digital*
Alphatrad Lda.

Propriedade
Município de Oeiras

Impressão
Lidergraf

Tiragem
20.000 exemplares

Registo
ISSN 1646-5970

Depósito Legal
86817/95

Distribuição gratuita

Largo Marquês de Pombal, Oeiras

oeiras.pt

Câmara Municipal de Oeiras

OLHAR EM FRENTE E SALTAR SEMPRE MAIS LONGE



Isaltino Morais
Presidente da Câmara

ILUSTRAÇÃO
André Kano

O DIA-A-DIA DE UM AUTARCA é feito de pequenas e de grandes conquistas.

Por vezes, aquelas que à partida podemos considerar pequenas conquistas revestem-se de um enorme significado para alguém – os moradores de uma rua repavimentada, os habitantes de um bairro requalificado, as crianças que praticam uma modalidade desportiva numa pequena coletividade beneficiada ou os idosos que usufruem de um novo espaço verde.

As que definimos como grandes conquistas, podem sê-lo por uma diversidade de razões.

No caso da conquista que celebrámos em outubro de 2019, tratava-se de uma vitória pela qual lutávamos há muito tempo e, por isso, não houve dúvidas ao classifica-la de 'grande conquista': assinávamos o auto de cedência de utilização de parte da antiga Estação Agronómica Nacional, facto que nos permitiria investir oito milhões de euros na recuperação daquele conjunto monumental, onde se inclui a Casa da Pesca. São cerca de 25 hectares de espaços verdes, que estamos a recuperar.

Há anos que o Município se manifestava disponível para assumir a gestão dos terrenos da antiga Estação Agronómica Nacional colocando, desse modo, um ponto final no processo de degradação, pilhagens e vandalismo que apenas tinha tendência para se agravar, com o passar do tempo.

E se a Câmara, através dos canais oficiais, colocou a questão a sucessivos governos, nos últimos anos também aumentou o clamor vindo de milhares de munícipes, manifestado através de cartas, redes sociais e até pela apresentação de uma petição pública.

A Quinta de Cima integra um conjunto de património classificado como Nacional. A situação de abandono, degradação e risco de ruína eminente não podia, de modo algum, prolongar-se e foi por isso que nos batemos, foi por isso que nunca baixámos os braços nem desistimos de trabalhar.

Com absoluta convicção de que apenas a transferência de gestão para a Câmara Municipal poderia travar o processo de abandono, dando início a um ciclo de reabilitação e preservação, não poupámos esforços até conseguir chegar ao entendimento que permitiu assinar o documento que prevê a cedência de utilização durante um período de 44 anos.

Há muito que defendo que temos o dever de não esquecer o nosso legado, o nosso património, a nossa herança, e de ajudar a construir um futuro digno para o Município de Oeiras e para a sua História. Olhar o futuro sem esquecer o passado.

À semelhança de tantas outras coisas que sonhámos para o nosso concelho, também nesta área vamos conseguir chegar onde nos propomos. Com estratégia, com planeamento, com recursos e com definição de prioridades. Só assim fomos capazes de erradicar as barracas, edificar parques empresariais

e tecnológicos ou dotar a nossa comunidade dos equipamentos que fazem a nossa qualidade de vida.

Foi assim que chegámos ao ponto em que estamos hoje, com a certeza de que o futuro vai ser ainda melhor, desde que devidamente planificado e desde que saibamos por onde e em que direção queremos caminhar.

A governação, seja local, regional ou nacional, não pode ser constituída por um conjunto de decisões avulsas. É necessário que exista uma ideia, um rumo, uma visão do que se quer construir e dos amanhãs que se espera alcançar.

No que respeita à requalificação patrimonial, tendo em vista a preservação e, sobretudo, a devolução desse património às pessoas que dele poderão usufruir, foram desbloqueadas, durante o mandato anterior, duas situações relativas às quais as negociações se arrastavam há décadas: a Quinta de Cima do Marquês de Pombal e o Mosteiro da Cartuxa, ambas por via de transferência da gestão para o Município.

São dois bons exemplos – as iniciativas, o pensamento, a estratégia, o trabalho e a ação confluem no sentido de dar aos oeirenses mais qualidade de vida e mais bem-estar.

Já não é segredo para ninguém o caminho que nos permitiu chegar até aqui. Cuidámos das necessidades básicas e dos direitos fundamentais dos nossos munícipes – com o direito a habitação condigna em primeiro plano. Foi desse patamar que avançámos para a captação das grandes empresas tecnológicas, que hoje constituem a coluna vertebral do nosso tecido empresarial, o qual tem um efeito reprodutivo extraordinário noutros ramos de atividade, criando a riqueza e os espaços que dão sustentáculo à nossa comunidade.

A verdade é que um dos concelhos com menor dimensão territorial da Área Metropolitana de Lisboa se transformou no motor económico da sua região, ocupando o segundo lugar no volume de negócios do País, a seguir a Lisboa.

Foi a definição da estratégia de desenvolvimento de Oeiras que atraiu as empresas, interessadas em fazer parte de uma comunidade coesa e de um território valorizado.

Por outro lado, no momento em que tanto se discute o tema da habitação pública, Oeiras dá o exemplo, ao avançar com a construção de 1.500 novas casas que serão uma realidade até 2027. A essas casas destinadas a renda apoiada vão somar-se outras 770 de renda acessível.

Porque acreditamos que é possível fazer mais pelas pessoas, acreditamos que é possível criar habitação pública com qualidade. Em Oeiras, o parque habitacional público representa 6% do total das habitações no concelho – é preciso, é urgente mesmo, aumentar este número e é precisamente isso que queremos fazer, atingindo os 10% de habitação pública no concelho.

Oeiras é um território desenvolvido, organizado e qualificado, em toda a sua extensão. Está preparado para receber habitação de qualidade, empresas de conhecimento intensivo, universidades e centros de investigação e, para além da capacidade para atrair grandes empresas, destaca-se pela implementação de políticas de sustentabilidade ambiental e pela preocupação com os mais frágeis.

Como tal, não podemos deixar de nos orgulhar por ser a escolha de grandes empresas, uma vez que essa escolha é reflexo do muito trabalho feito. Trabalho que tem décadas. Só um território fortemente qualificado atrai investidores que, graças à sua contribuição fiscal, ajudam a construir e consolidar a coesão social desse território.

O dia-a-dia de um autarca é feito de pequenas e de grandes conquistas, como comecei por referir. Capacitar o nosso território para a instalação de empresas é uma conquista das últimas décadas. Começou quando elegemos a erradicação de bairros degradados como prioridade da nossa ação no final dos anos 80 do século passado e prolonga-se até ao momento em que assumimos a posse de um património histórico cuja reabilitação e preservação assumimos pela sua importância na história desta comunidade. Porque esta é a nossa postura, esta é a estratégia que nos tem permitido saltar sempre mais longe: olhar o futuro, sonhá-lo e projetá-lo, sem nunca esquecer o passado e o que nos permitiu chegar até aqui.

É necessário que exista uma ideia, um rumo, uma visão do que se quer construir e dos amanhãs que se espera alcançar.

Isaltino Morais Presidente da Câmara

Ilustração: André Kano


ro
tu
Fu

"OEIRAS BRANDING STRATEGY"



TEXTO
Nelson Pires *

ILUSTRAÇÃO
André Kano

Primavera
2024

O TÍTULO DESTE ARTIGO DE OPINIÃO está escrito em inglês de uma forma deliberada, pois o concelho de Oeiras tornou-se uma marca internacional, com uma estratégia de marketing bem pensada e consolidada. Oeiras reforça o conceito estratégico de marketing das cidades, muito utilizado no setor do turismo de forma a promover os destinos, mas aqui com um novo e distinto posicionamento. Oeiras não pretende a visita de "short stay", mas afirmou-se como um dos melhores concelhos para viver, estudar, trabalhar e finalmente visitar. A minha empresa foi uma das organizações que escolheu Oeiras como a sua casa.

No ecossistema do concelho estão situadas empresas que representam cerca de 12% do PIB Português (ou seja, um território que oferece atratividade de investimento e empreendedorismo com emprego qualificado e elevado poder de compra) nos seus parques de escritórios (Taguspark, Quinta da Fonte e Lagoas Park). Mas é também um destino seguro e promotor do bem-estar para quem queira viver neste lugar com inúmeros eventos e locais agradáveis para disfrutar num ambiente sustentável. Acresce a oportunidade de frequência de polos universitários de elevada referência e polos de atração turística únicos (como a praia, mas também o Parque dos Poetas, o Palácio Marquês de Pombal, o Vinho "Villa Oeiras", entre muitos outros). Ou seja, uma oferta completa que permite que cada cidadão e família possa escrutinar o valor oferecido a cada um dos seus públicos, "cidadãos, investidores públicos e privados, trabalhadores, visitantes e novos residentes". Mas o valor que se escrutina é o que é comunicado pelo concelho, tanto a nível dos seus residentes como daqueles que o visitam.

A criação da marca "Oeiras Valley" é um exemplo fantástico, pois permite compreender "o que o concelho é" e "o que vai ser no futuro!". Mesmo com as dificuldades acrescidas de Oeiras se localizar num eixo altamente competitivo entre Lisboa, Cascais e Sintra, tem-se afirmado. Estes concelhos competem para atrair investimento, talento, residentes, visitantes e para se tornarem na sede de organizações internacionais ou de eventos. Apesar de terem de se complementar entre si em infraestruturas básicas e fundamentais da região como as redes de transporte e rodoviárias, é uma espécie de "coopetição" (cooperação competitiva). É coopetição numa sociedade de informação, em que a imagem se constrói, mas assenta em desafios específicos. O maior de todos é não permitir que a imagem se construa involuntariamente como algumas cidades que, por exemplo, se consideram inseguras. Portanto Oeiras conceptualizou-se nos seus atributos reais, com a sua história, arquitetura, personalidades, empresas, cultura, ensino, ciência, infraestruturas, política... E a experiência é transversal na "riqueza" deste concelho e não apenas centrada num único benefício. Quase que nos tornamos "cúmplices" do concelho, interagindo com o mesmo e promovendo-o de forma natural sempre que possível. Reforçada pela reputação da sua liderança inquestionável, com uma imagem de dinamismo, visão estratégica e planeamento, preocupação com os cidadãos. É a oferta de um concelho que é mais do que um local para viver, visitar ou trabalhar. Este estereótipo que se criou é real e muito positivo, melhora a autoestima dos cidadãos e das pessoas que aqui trabalham. Portanto seria mais do que natural que a empresa que represento, uma multinacional farmacêutica (Jaba Recordati) se alie aos valores e imagem que este concelho tem, assim como às vantagens competitivas que oferece. Parece que os decisores políticos estudaram a autora "Kanter" antes mesmo desta pensar no marketing das cidades (Rosabeth Moss Kanter, em "World class - Thriving locally in the global economy" - 1995). Não obstante a localização do competitiva do concelho (perto da capital), esta foi superada pela potenciação dos 3 ativos intangíveis que são as novas formas de poder da economia global para centros de excelência (os três C´s): Conceitos, Competências e Conexões:

— Ao nível dos conceitos – Oeiras é uma cidade futurista com visão disruptiva e sustentável. Quer ao nível dos seus parques de escritórios, da limpeza urbana, da sustentabilidade energética, da sua oferta cultural, do seu ecossistema de empreendedorismo... Os inovadores podem aqui florescer e empreender.

— Ao nível das competências com o elevado talento que este conceito atrai para as suas empresas e organizações.

— Ao nível das conexões – A criação do conceito de Oeiras Valley pretende exatamente isso, criando alianças entre negócios, ligações com as redes mundiais através da academia ou das empresas, gerando valor acrescentado uniforme na economia global.

E Oeiras proporciona e maximiza estes 3 ativos, suportados nas suas instituições (o município, as associações, as fundações, as organizações e outros agentes locais), com infraestruturas modernas, criando várias atividades que geram emprego, mas também um bom ambiente de trabalho (o Taguspark é um "museu de arte contemporânea a céu aberto"). Mas os cidadãos e as empresas também ajudam na criação de uma imagem hospitaleira e entusiástica, de modo a atrair novas empresas, investimentos e visitantes. Tudo isto existe a par das instituições públicas que têm um papel crucial, criando infraestruturas físicas e sociais, políticas, fiscais e monetárias, políticas de investimento, políticas de industrialização, entre outras.

Em Oeiras vive-se, não se sobrevive!

** CEO da Jaba Recordati Portugal*

A criação da marca
“Oeiras Valley” é um
exemplo fantástico,
pois permite compreender
“o que o concelho é”
e “o que vai ser no futuro!”

Nelson Pires CEO da Jaba Recordati Portugal

Ilustração : Gonçalo Viana



OS OBJECTOS TRANSCENDENTES



TEXTO
Jorge Reis-Sá

ILUSTRAÇÃO
André Kano

Primavera
2024

FALAR EM CAUSA PRÓPRIA DEVERIA SER PROIBIDO E OBRIGATÓRIO. Afinal, o que se ganha em conhecimento perde-se em imodéstia. E vice-versa. Ou então o que se ganha em humildade perde-se em autodepreciação.

Embora seja um autodepreciador em série, tenho também consciência que, muito de vez em quando, até acerto. Não direi no alvo, mas pelo menos numa das linhas concêntricas mais distantes do centro. E talvez a vida seja isso: tentar não estragar a parede quando jogamos dardos.

O convite que me foi feito para a consultoria dos Livros de Oeiras encheu-me, em igual medida, de felicidade e responsabilidade. A gestão da autarquia é conhecida pelo seu dinamismo, aventura, desejo pelo futuro. Onde me iria inserir eu nessa dinâmica aventurosa? No meio de amigos – mas isso poderia falar-se noutro texto, que este falará do que essa amizade que se foi construindo permitiu. Os livros.

Comecei por conhecer as pessoas – porque em todo o lado o que verdadeiramente importa são as pessoas, suas ânsias e medos e vontades. E tentar que se percebesse que o meu objectivo era só um: acrescentar. A sorte foi que toda a gente o percebeu. E tudo ficou então muito mais fácil. Mas os livros – os livros.

Esses foram surgindo como surge a natureza mais natural das coisas: naturalmente. Seriam estabelecidas linhas gráficas que os trouxessem para uma unidade – e devemos isso à Sara Inglês. E, depois, ajustada cada linha à vontade de cada livro. É que eles, como intitulei este pequeno testemunho, são objectos transcendentes – ultrapassam sempre a ideia inicial para se cumprirem por si só.

Fizemos muitos livros, já. Não um nem dois: 14. Sim, catorze. Quatorze. XIV, até. Álbuns, ensaio, poesia. Numa unidade que, espero, se nota cada vez mais.

O primeiro foi o livro colectivo "Biblioteca: Narrativas". E percebi imediatamente que isto eram edições que poderiam estar em qualquer lado. Ou como se pode ver um livro que tem nomes como José Gil, José Luís Peixoto, Joana Bértholo ou João de Melo? Dão 26 nomes e eu só falo em quatro - começados por "J".

Depois fomos à poesia, ao teatro, aos álbuns ilustrados, fomos a todo o lado e ainda estamos a começar. Vou-me coibir de fazer listas, porque ninguém tem paciência para elas – fazem logo lembrar as do supermercado. Vou só dizer alguns nomes: Paulo Mendes Pinto, Valter Hugo Mãe, Francisco Moita Flores, Eugénio de Andrade, David Mourão-Ferreira, Sophia de Mello Breyner Andersen, Natália Correia. Tudo autores que viram os textos em livros com a chancela de Os Livros de Oeiras.

E, claro, o João. O nosso João. De todos os 14, aquele que mais sentido fez e que mais sentido percebi fazer para quem comigo criava este caminho. O nosso querido João Mendes Rosa teve a homenagem possível, com a reedição do seu "O Foral e a Diáspora", a homenagem que ele certamente mais queria, a de um livro, a que quisemos fazer a quem partiu tão cedo.

Criámos memórias. Criámos saudades. Criámos vontades. E ainda só começamos. Alguém disse, um dia, que o verbo mais difícil não é "começar" – é "continuar". Estarei sempre aqui para tentar transcender um bocadinho mais e fazer ir de círculo concêntrico em círculo concêntrico até ao alvo. Sei-me ajudado por amigos e amigas. E só assim faz sentido continuar.

Criámos memórias.
Criámos saudades.
Criámos vontades.
E ainda só começamos.
Alguém disse, um dia,
que o verbo mais
difícil não é "começar"
— é "continuar".

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE EM OEIRAS

Primavera
2024

ENTRE OS DIAS 1 E 6 DE AGOSTO, a Jornada Mundial da Juventude 2023 trouxe a Oeiras cerca de 300 mil peregrinos, acolhidos em equipamentos escolares e desportivos do concelho e em famílias de acolhimento. A JMJ culminou com a despedida do Papa Francisco de Portugal, a partir de Oeiras, num último encontro com voluntários no Terrapleno de Algés.

No dia 6 de agosto, o terrapleno de Algés encheu-se de expectativa e emoção ao receber o líder da Igreja Católica para o evento que tocou os corações de todos, não deixando ninguém indiferente.

A atmosfera deste encontro de Sua Santidade com os voluntários da JMJ estava impregnada de fé e de alegria. O encontro foi uma oportunidade única para celebrar os valores de compaixão, altruísmo e solidariedade.

No seu discurso aos voluntários o Papa partilhou palavras de sabedoria e encorajamento, através da sua visão sobre a importância do voluntariado e do compromisso com a juventude. O encontro fortaleceu a conexão espiritual dos participantes, mas também ressaltou a importância de trabalhar em conjunto para construir um mundo mais justo e compassivo.

Oeiras recebeu o momento de espiritualidade e inspiração que marcou o verão passado: o Encontro do Papa Francisco com os voluntários na Jornada Mundial da Juventude (JMJ).

O momento culminante do evento aconteceu com a chegada do Papa ao recinto do Terrapleno de Algés, depois da sua passagem pelas ruas de Algés.

Cerca de 20 mil voluntários tiveram a oportunidade de receber as palavras e a inspiração de Sua Santidade para continuarem a compartilhar o amor e a bondade com todos, sem exceção.

As mensagens de esperança e encorajamento ecoaram nos corações dos voluntários, que saíram do encontro revigorados e motivados a continuarem a sua missão de serviço à comunidade.

Este encontro do Papa com os voluntários da JMJ não apenas reforçou os laços entre toda a comunidade oeirense, mas também deixou uma marca profunda de espiritualidade e dedicação à causa da juventude e do voluntariado.

O Encontro do Papa com os voluntários da JMJ, no terrapleno de Algés, foi um momento de união, reflexão e inspiração que continuará a ecoar na vida de todos os que tiveram a honra de participar neste evento significativo.


Enjoy
Coca-Cola


VOLUNTÁRIO
CASCAIS
JMJ 2023

Inesquecível








A13
A13
From with Love
VALLEY


AMAD A VENGO
VUESTROS
ENEMIGOS
PRONTO



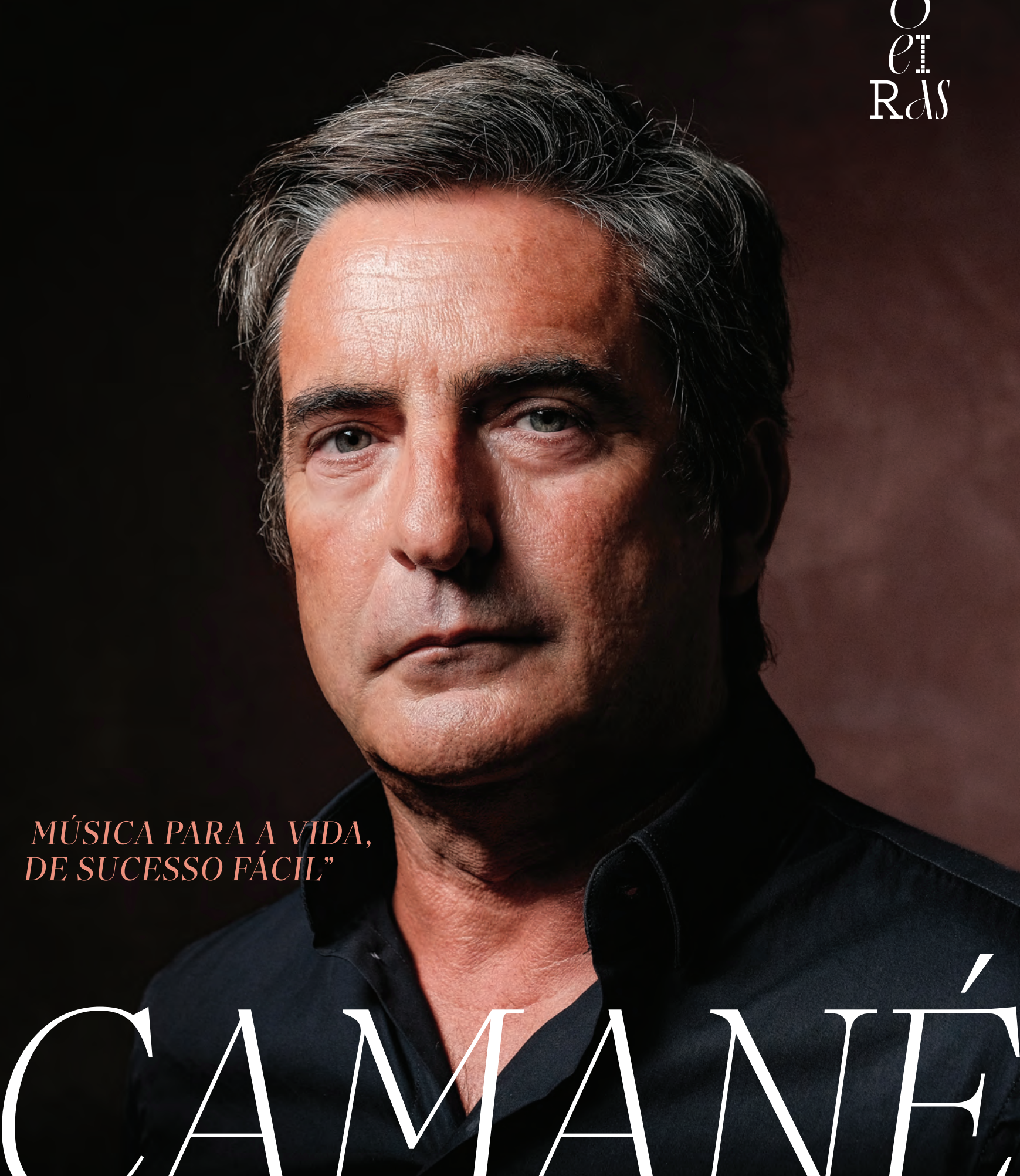


"O FADO SEMPRE FOI UMA NÃO É UMA MÚSICA

TEXTO
Gisela Pissarra

FOTOGRAFIA
Carlos Santos

Primavera
2024



MÚSICA PARA A VIDA, DE SUCESSO FÁCIL”

CAMANÉ

Camané canta quase desde que se lembra de existir, e é uma das vozes mais brilhantes do fado em Portugal. Nasceu e cresceu em Oeiras e conversou com a 'Oeiras em Revista' sobre o passado, o presente e o futuro. Do mais recente álbum ao próximo projeto, da infância ao início da carreira, do convívio com os fadistas mais velhos às viagens que o inspiram, da música que ouve ao novo papel de pai.

OER **Lembra-se da primeira vez que cantou?**

CMN Teria uns sete anos e o meus pais levaram-me a almoçar a um restaurante, e lembro-me de que cantei, sem guitarra e sem viola. Havia fados que eu tinha ouvido, em discos que havia lá em casa, e decorei alguns. Não tenho uma lembrança muito clara, mas repetia mais ou menos o que ouvia nos discos. Acho que até os meus pais ficaram um pouco surpreendidos porque não tinham percebido que eu tinha decorado aquelas músicas todas.

OER **E em casa? Não cantava?**

Não. Nunca cantava em casa. Sou muito de cantar, quando vou dormir, em pensamento. Vou pensando como é que vou cantar um tema. Canto-o na minha cabeça. É uma coisa muito... muito interior. Só depois, mais tarde, nos ensaios, tenho a experiência de cantar aquilo que pensei.

OER **Na altura, os seus pais ouviram e ficaram espantados. Incentivavam-no a cantar?**

CMN Sim...começaram a levar-me ao fim de semana às coletividades, na Mouraria e em Alfama. Os meus pais gostavam imenso de fados, o meu bisavô cantava fado, o meu avô também. O meu pai e a minha mãe começaram a cantar depois de mim. Eu próprio comecei a tentar que os meus pais me levassem para poder cantar com os guitarristas que havia nas coletividades. Só que quando eu comecei a cantar, passado pouco tempo, o meu pai arriscou cantar também. Cantava de uma forma amadora, por gosto, de vez em quando, quando íamos sair.

OER **Conte-nos a história desse avô e bisavô.**

CMN Eram do lado paterno. O meu bisavô era o José Júlio, e eu nunca cheguei a ouvi-lo. Depois tomei conhecimento de que ele cantava e que tinha composto alguns fados. Isto porque havia um livro que contava a história dele no museu do fado. Mais tarde houve um colecionador de discos e gravações que conseguiu encontrar um disco do meu bisavô, nos EUA. Eu ouvi o disco há uns sete ou oito anos e até gravei duas músicas dele com letras novas. Ou seja, pude ouvi-lo há muito pouco tempo.

OER **A música e o fado pareciam estar impregnados na família, como se fosse um destino natural.**

CMN Sim, de alguma maneira. Eu tinha uma tia, irmã do meu pai, que trauteava muitos fados. Depois tinha também um irmão do meu pai, e outras pessoas ligadas ao meu pai, que tinham uma ligação muito forte com o fado. Trauteavam fados quando iam a casa, nos natais, aniversários. Eu ia a Lisboa, estava com eles, e eles cantavam. A verdade é que os discos que tinha em casa era tudo fado, com exceção de um dos Beatles, outro do Sinatra e outro do Aznavour. Eu ouvia compulsivamente os discos de fado. Portanto, acabei por crescer naquele universo. Ouvia alguma música na rádio, os festivais da canção. Mas realmente aquilo que recebia com mais frequência era a musicalidade que tinha a ver com o fado.

OER **Em jovem já sentia que era fácil para si cantar?**

CMN Fácil nunca foi. Eu acho que há sempre aquela necessidade de querer fazer tudo bem. Eu tinha sempre medo e inseguranças. É o perfeccionismo...

OER **Para além de ter chegado ao fado, sente que havia em si uma afinidade musical muito forte com o estilo, ou foi mais levado pela poesia?**





"O Zé Mário Branco ajudou-me
imenso a [...] perceber o que se está a cantar,
o sentido da palavra, o entrar no registo emocional
de cada poema e saber contar as histórias."
— *Camané*

CMN Acho que são as duas coisas. Mas, desde cedo, era claro que as letras do fado e as histórias que se contavam não eram coisas para a minha idade. Mas havia poetas populares que escreviam letras a falar da mãe, do pai, da escola, da namorada, etc. Eram coisas infantis, engraçadas, e tinham a ver com a idade que eu tinha. Fui colocando essas letras nos fados tradicionais. Fui aprendendo e construindo esses fados, como eu via que os fadistas mais velhos faziam. Isso foi a minha escola no fado, e foi muito importante para mim. Não ia falar das coisas mais tristes e mais adultas.

OER **Quando era adolescente, para além do fado, interessava-se, por que tipo de música e de vozes?**

CMN Tudo. Adorava música. Tive várias fases. Nós tínhamos um grupo aqui em Oeiras em que ouvíamos o rock português, os GNR, Rui Veloso, os UHF. Depois tínhamos um grupo em Porto Salvo em que ouvíamos os The Doors, que já tinham acabado. E depois a música pop, estou a falar do princípio dos anos 80, em que havia um pouco de tudo. Eu ouvia de tudo. Mas lá está, quando eu cantava outras coisas os meus amigos ouviam-me a cantar e diziam: parece que estás a cantar fado. Porque existe uma característica nas pessoas que cantam fado, que se adquire, e que depois é quase impossível de mudar. A verdade é que ouvi muita música nessa altura. Tinha vários amigos com bandas de garagem, e muitas vezes fui convidado para ser vocalista, mas decidi não aceitar porque o que eu queria fazer era aquela outra música, que era o fado.

OER **Como reagia, nessa fase, quando queria cantar The Doors e lhe diziam: parece que estás a cantar fado?**

CMN Ficava todo contente. Ficava, porque era uma característica que eu tinha que sabia que um dia se ia resolver ou resultar numa coisa verdadeira. Eu acho que foi muito importante para mim, mas também foi muito importante ouvir as outras músicas. Depois houve a fase em que ouvia música brasileira também. Lembro-me de uma fase em que ouvia fados baixinho em casa, para não se ouvir na rua. Havia um certo preconceito. E ouvia rock altíssimo!

OER **Quando começou a ouvir e a ver grandes instrumentistas e intérpretes no fado, quem é que o fascinava?**

CMN Lembro-me de ir a Cascais e encontrar o Marceneiro, o Rodrigo, o Carlos do Carmo, a Lucília do Carmo, o Manel Almeida. Um dia entrei numa casa de fados e vi o Marceneiro, mas tive vergonha de lhe falar. Passei a correr, sentei-me e ao lado estava a Amália sentada. Cumprimentei-a e foi muito simpática comigo. Estava o Carlos Conde, um poeta, e alguns dos fadistas mais antigos. Foi a primeira vez que vi a Amália. Mas era engraçado. Havia uma grande proximidade. Cada vez que ia a uma casa de fados, apareciam aquelas pessoas que eu ouvia em casa.

OER **Como foi a sua relação com a escola. Em casa insistiam para que estudasse?**

CMN Sim, insistiam, claro. Eu gostava da escola e andei aqui nas escolas de Oeiras. Mas fiz outra escolha, na altura. Cheguei a um ponto em que queria música. Comecei a cantar aos fins-de-semana num restaurante que tinha fados, e quem me acompanhava era o Martinho da Assunção e o António Bessa, músicos excelentes. Aí comecei a perceber que era aquilo que eu queria fazer, tinha uns 17, 18 anos. Tomei a decisão. Para cantar fado tinha de ir para as casas de fado aprender. E foi. Daí fui para o Fado Menor, depois o Sr. Vinho, o Faia, cantei nas casas de fado todas. Ainda trabalhei no Arsenal do Alfeite, mas pouco tempo. Primeiro articulava o fado com o trabalho, e depois com o serviço militar. Dormia pouco, mas foi uma opção a de ir cantar todas as noites.

OER **Tinha medo?**

CMN Sim. Claro que pensava que ia ser muito difícil. Lembro-me de sofrer algum bullying na escola por cantar fado. Havia de facto preconceito. Nunca usei essa expressão. Por acaso, foram alguns amigos que comentaram isso com a minha mãe, mais tarde. Eu, na altura, não achava que fosse bullying. Mas agora, olhando para trás, reconheço que foi. Quando era criança era capaz de pensar: agora vou cantar fado, vou-me vingar. A verdade é que eu canto fado porque é aquilo que eu mais gosto de fazer.

OER **Foi difícil de perder o medo de estar em palco?**

CMN Foi super difícil, demorei imenso tempo. Mas nas casas de fado era bom, porque os fadistas mais velhos explicavam-me tudo. Uns de uma maneira, outros de outra. E eu escolhia também aquilo que eu achava, mas ouvia todos. A verdade é que sempre fui muito acarinhado, muito bem tratado, especialmente por aquelas pessoas muito boas do fado. Porque foram essas pessoas muito boas que me abriram o caminho. Houve pessoas que me ajudaram imenso como o Carlos do Carmo e a Amália. O Carlos foi logo desde miúdo, até numa fase em que eu parei de cantar por causa da mudança de voz. Ele encontrava o meu pai e perguntava por mim. Mais tarde, quando gravei o primeiro disco, mas não tinha editora, a Amália disse ao David Ferreira (da EMI, agora Warner)

que havia um rapaz que estava no bom caminho. Passados quatro dias fui contratado pela EMI. São pequenas coisas que... foi sorte.

OER **Que intérpretes o influenciaram mais?**

CMN O Zé Mário Branco, a Amália, o Carlos do Carmo, o Alfredo Marceneiro, o Manel de Almeida, a Maria Teresa de Noronha, o João Braga, o Rodrigo, o João Ferreira Rosa...uma série de fadistas que são referências porque há muitas coisas que aprendemos é a ouvir.

OER **Qual foi a linha condutora do seu último álbum, de 2021, 'Horas Vazias'?**

CMN A ideia era cantar alguns fados tradicionais, mas, acima de tudo, pedir a alguns músicos de que eu gosto, com quem eu me identifico imenso - e alguns não são do fado - para transportar o que eles fazem para este ambiente musical que é o fado. Aconteceu com o Vitorino, o Jorge Palma, o Pedro Abrunhosa. E depois conheci um poeta que é o Sebastião Belchior Cerqueira. Foi através de umas matinés de poesia organizadas pelo Jorge Silva Melo. Eu gostei imenso dos poemas, mas não tinham uma estrutura que eu pudesse cantar. Eu falei com o Sebastião e perguntei-lhe se ele conseguia escrever umas letras para fados. Ele tinha feito um doutoramento e a tese tinha sido sobre letras para hip hop. Eu passei-lhe algumas músicas, nomeadamente uma de um guitarrista do Porto, o Miguel Amaral, e ele escreveu em cima dessa música. Depois, dei-lhe dois fados tradicionais e ele também me escreveu dois poemas lindíssimos para esses fados. É juntar um bocado aquilo que eu sempre fiz na vida, que é unir o tradicional a estas músicas novas, mas transportando-as para este ambiente musical do fado. A ideia é manter o meu registo e aquilo que eu gosto de fazer.

OER **Já tem uma ideia e data para um próximo projeto?**

CMN Este ano há uma série de coisas que eu vou fazer, que vão dar imenso gosto. Concertos cá e no estrangeiro, um concerto com orquestra, por exemplo, e um de fado com piano. Tenho um projeto de, em 2024, começar a pensar num disco novo.

OER **Em vários estilos musicais diz-se que a criatividade é mais forte nas fases iniciais de carreira. No fado é diferente?**

CMN É normal que no início as pessoas tenham uma vontade de fazer coisas que lhes dá uma criatividade incrível. No meu caso, eu acho que a idade é que é e que me deu isso. Isto acontece muito com outros músicos também. Eu sinto que melhorei muito com o tempo. A perda do medo fez com que eu conseguisse ser mais criativo.

OER **Tem a ver consigo, mas também com o género musical?**

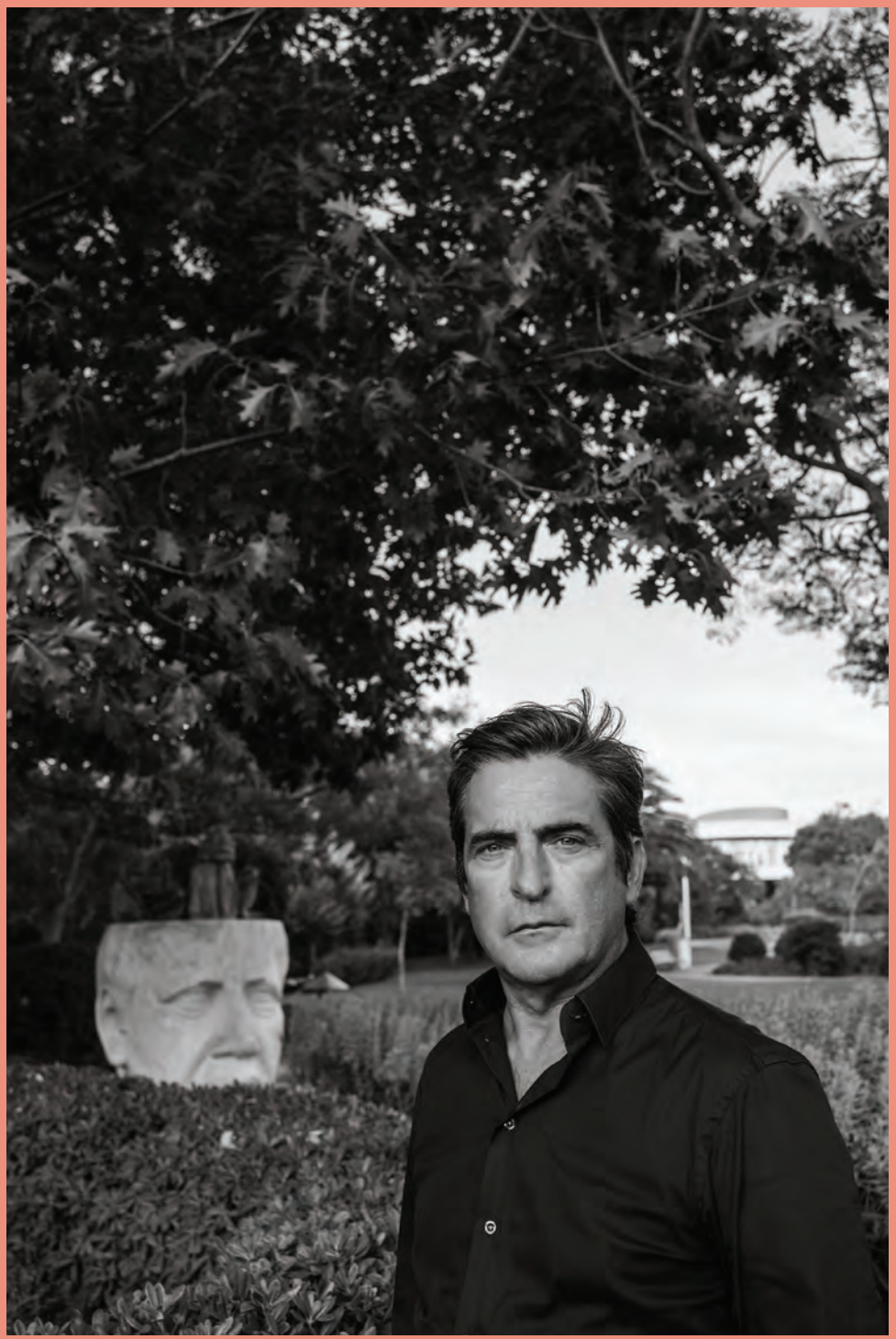
CMN Sim, porque o fado sempre foi uma música para a vida. Não é uma música de sucesso fácil. É uma coisa que vai acontecendo. As pessoas que eu conheço do fado, eu conheço-os já velhinhos, cheios de criatividade. O Marceneiro, por exemplo, fez discos fantásticos com 80 anos. Lembro-me do Carlos do Carmo, com o fantástico último concerto do Coliseu. Lembro-me de uma série de cantores no mundo inteiro. Os cantores de jazz, os de blues, tinham muita idade. E o fado é isso. O fado é blues. Os cantores de flamenco, os de tango também. Lembro-me de ouvir cantar no fim da vida o Marceneiro, a Lucília do Carmo, a Amália, todos eles cheios de criatividade. É incrível como eles cantavam bem, o tempo passava e a referência estava lá.

OER **No chamado 'novo fado' há muitas tendências diversas. Há muitos trabalhos diferentes e fadistas que se afastaram do lado mais tradicional. Isso é interessante?**

CMN Há coisas boas, há coisas que não. Acho que sempre existiu essa expressão. Quando eu era miúdo, era tudo novo fado. Isso tinha a ver com o tal preconceito. Mas a verdade é que existe fado, que é uma característica musical, tem a ver com o ritmo, com a palavra, com uma série de características e de ambientes musicais. O resto não é fado. Há muitas pessoas que querem mudar isso. Atualmente existem coisas, naquilo que é inspirado no fado, que são muito boas também. Isso são escolhas. Acho que a expressão 'novo fado', não faz sentido. É música. Há música que é inspirada no fado e que tende a passar para outro género musical ou, pelo menos, é uma mistura. Mas há coisas muito boas aí também. Eu não posso criticar porque há coisas de que gosto imenso. Há até músicos de fado muito bons, mas que hoje fazem uma ligação com outros géneros. Estão a criar o seu estilo próprio.

OER **Quem são os músicos que ouve mais hoje, dentro e fora do fado?**

CMN Há umas bandas portuguesas novas que eu conheci melhor porque o meu filho António gosta e ouve. Os Capitão Fausto, aquela malta toda da editora Cuca Monga, o B Fachada. E eu comecei a gostar de muitas coisas ligadas a esta malta nova que que faz música. E depois também aqueles músicos de sempre, o Jorge Palma, Rui Veloso, o Sérgio Godinho,



o Fausto, o Zé Mário, o Paulo de Carvalho e tantos do fado. É engraçado que nas férias encontrei por acaso o Paulo de Carvalho, de quem gosto imenso, até porque me lembro de o ouvir em miúdo no Festival da Canção, nesse tempo em que o festival foi muito bom, com o Paulo, depois o Fernando Tordo, o Carlos Mendes, o Carlos do Carmo. Com o 'E depois do adeus', que é uma canção fantástica, cuja letra sei de cor, não ganhámos o concurso e fomos roubados. É engraçado que quis ser cantor e fadista também por causa do Paulo de Carvalho, que não é uma pessoa do fado, apesar de ter composto uma série de fados lindíssimos e de ter cantado fado também.

OER **E no caso dos estrangeiros?**

CMN Houve uma altura em que ouvia muita música brasileira. E agora voltei a ouvir com gente que tem aparecido, o Tim Bernardes, o Moreno Veloso e outros da nova música brasileira. São Incríveis. E depois sigo toda a gente que eu sempre gostei, da música americana, da inglesa e outras. Já dei por mim a ir a outros países só para ir ver concertos. Fui a Paris ouvir um concerto do Sting com o Paul Simon, que a minha mulher adora. Fui à Holanda ver um concerto do Paul Simon. Fui ver o Brian Wilson em São Francisco. De vez em quando, quando vou viajar faço isso. E outros músicos. Músicos de jazz, por exemplo. Aqui há uns anos, por exemplo, vi aqui em Oeiras um concerto extraordinário do Herbie Hancock. Tento ver concertos sempre que tenho oportunidade. Gosto imenso de concertos de música clássica, por exemplo.

OER **Vê-se como um dos grandes embaixadores do fado no mundo?**

CMN Acho que tenho tido a sorte de cantar nalguns sítios no mundo. Há lugares onde ainda não fui, mas o que sinto é que, quando vou cantar, consigo transmitir um pouco daquilo que é a nossa cultura, e esta música, em sítios que eu não imaginava que fosse possível. A ideia de ser embaixador, nunca senti bem essa responsabilidade. A verdade é que as coisas acontecem de uma forma que eu não estava à espera. Lembro-me de, em mais novo, pensar que o público não percebia uma palavra, e por isso não ia gostar. Mas a verdade é que gostam. É incrível. Eu pensava que não era possível. Acho que é um privilégio e uma sorte na vida ir cantar ao mundo inteiro. Agora isto acontece também porque houve outras pessoas no passado que o fizeram. Eles deram-nos a oportunidade de dar continuidade a isto, o que é uma sorte.

OER **Nasceu aqui no concelho de Oeiras. Que memórias guarda da sua infância?**

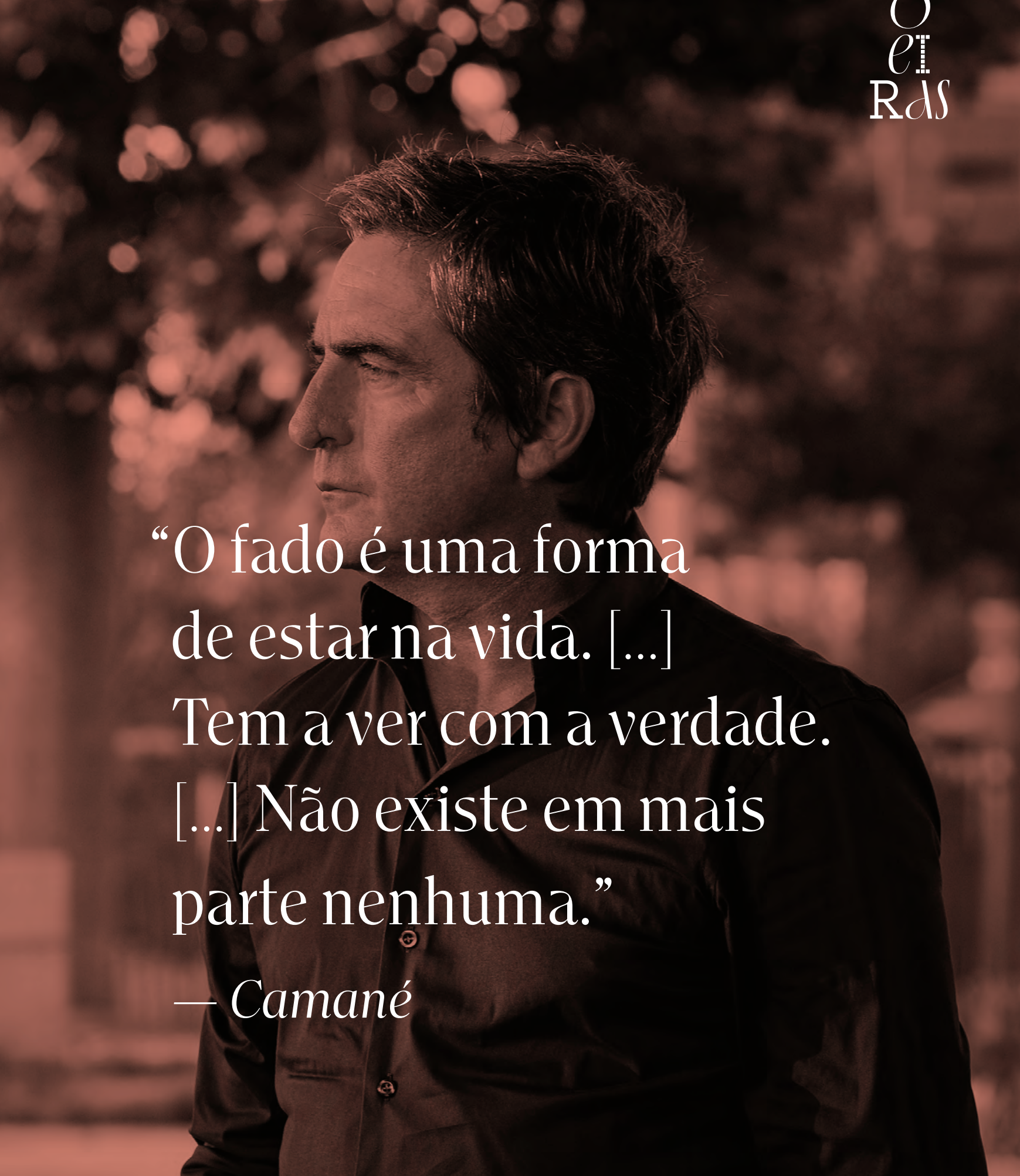
CMN Nasci na Rua Cândido dos Reis e depois vivi, até aos seis anos, perto do Largo do Pelourinho. Depois fui viver para Figueirinha, para o bairro Augusto de Castro. Mas tenho recordações fantásticas de brincar muito aqui nos jardins, de saltar muros, subir às arvores. Às vezes conseguíamos vir aqui para o Jardim do Marquês de Pombal, que era difícil porque não dava para entrar. Só que havia umas entradas que nós descobríamos. E brincávamos também ali na Estação Agronómica, íamos passear e fazer caminhadas no meio do jardim que é enorme. Atualmente venho com muito menos frequência, e venho sobretudo para ver a minha mãe.

OER **Foi pai há poucos anos. Tem a preocupação de dar a ouvir determinado tipo de música?**

CMN Sim, tenho. Claro que eles acabam por escolher a música que querem ouvir. O António, o mais velho, tem quatro anos. Desde os dois anos e meio que vai para a Academia de Amadores de Música, para a parte de iniciação musical. Espero fazer o mesmo com o Joaquim, daqui um tempo. O António teve várias fases. Agora está na fase dos Capitão Fausto. O Joaquim sempre que ouve música abana a cabeça, mas só tem um ano. Eu acho que eles gostam imenso. E depois a música é uma coisa que nos preenche muito. Também há música infantil e de desenhos animados de que gostam. Mas acabam por gostar de géneros musicais que não são tão infantis. Houve uma altura em que o António queria ouvir o Prince todos os dias. Há dias queria ouvir a Lena d'Água a cantar uma canção do último disco.
O que é que gosta de fazer quando tem tempo livre?
Gosto imenso de viajar, mas também viajo em trabalho. Mas gosto de viajar em férias, de ir à praia, de passear. Acima de tudo, passar o tempo em viagem. Já fiz viagens muito engraçadas e gosto de saber da música, da literatura, da pintura, de tudo, do país onde estou.

OER **O que é para si a essência do fado?**

CMN É uma coisa muito difícil de explicar, sobre qualquer música. O fado é uma forma de estar na vida. Tem a ver com uma característica musical portuguesa, que se construiu aqui. E, no fundo, a essência do fado é conseguir ter isso cá dentro para transmitir às pessoas. Tem a ver com verdade. É uma característica musical muito própria. Como o blues, como o flamenco ou o tango. É a nossa forma de transmitir os sentimentos na música, de contar a história, de contar a vida, o quotidiano. É uma forma musical, mas que tem a ver connosco. A essência parte dessa verdade e dessa característica musical que nós temos. Não existe em mais parte nenhuma.



“O fado é uma forma de estar na vida. [...] Tem a ver com a verdade. [...] Não existe em mais parte nenhuma.”

— *Camané*

PERCA-SE DE AMORES

VENHA DESCOBRIR O CONCELHO de Oeiras, uma região repleta de história, cultura, gastronomia, desporto e natureza. Explore os magníficos monumentos e mergulhe na rica história desta região, saboreie os pratos deliciosos da gastronomia local, desfrute das deslumbrantes praias e aproveite as várias atividades desportivas. Oeiras é o destino perfeito para criar memórias inesquecíveis, seja em família, com amigos ou numa escapadela romântica. Venha conhecer tudo o que Oeiras tem para oferecer e apaixone-se pela sua autenticidade e diversidade.



1 Quinta Real de Caxias
2 Quinta Real de Caxias
3 Parque dos Poetas
4 Porto de Recreio de Oeiras
5 Parque dos Poetas
6 Fábrica da Pólvora
7 Parque dos Poetas



2

5



1



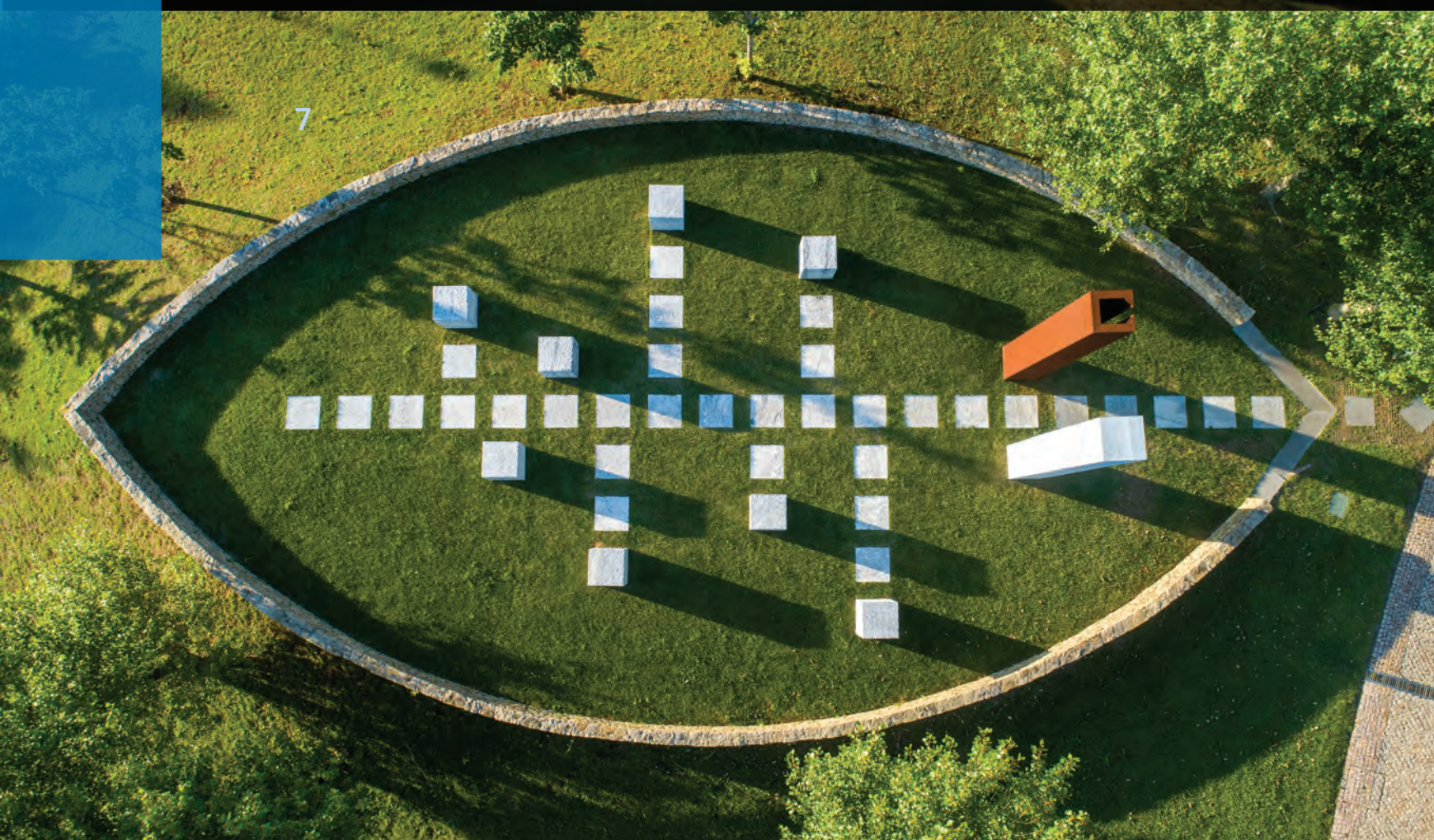
3



4



6



7

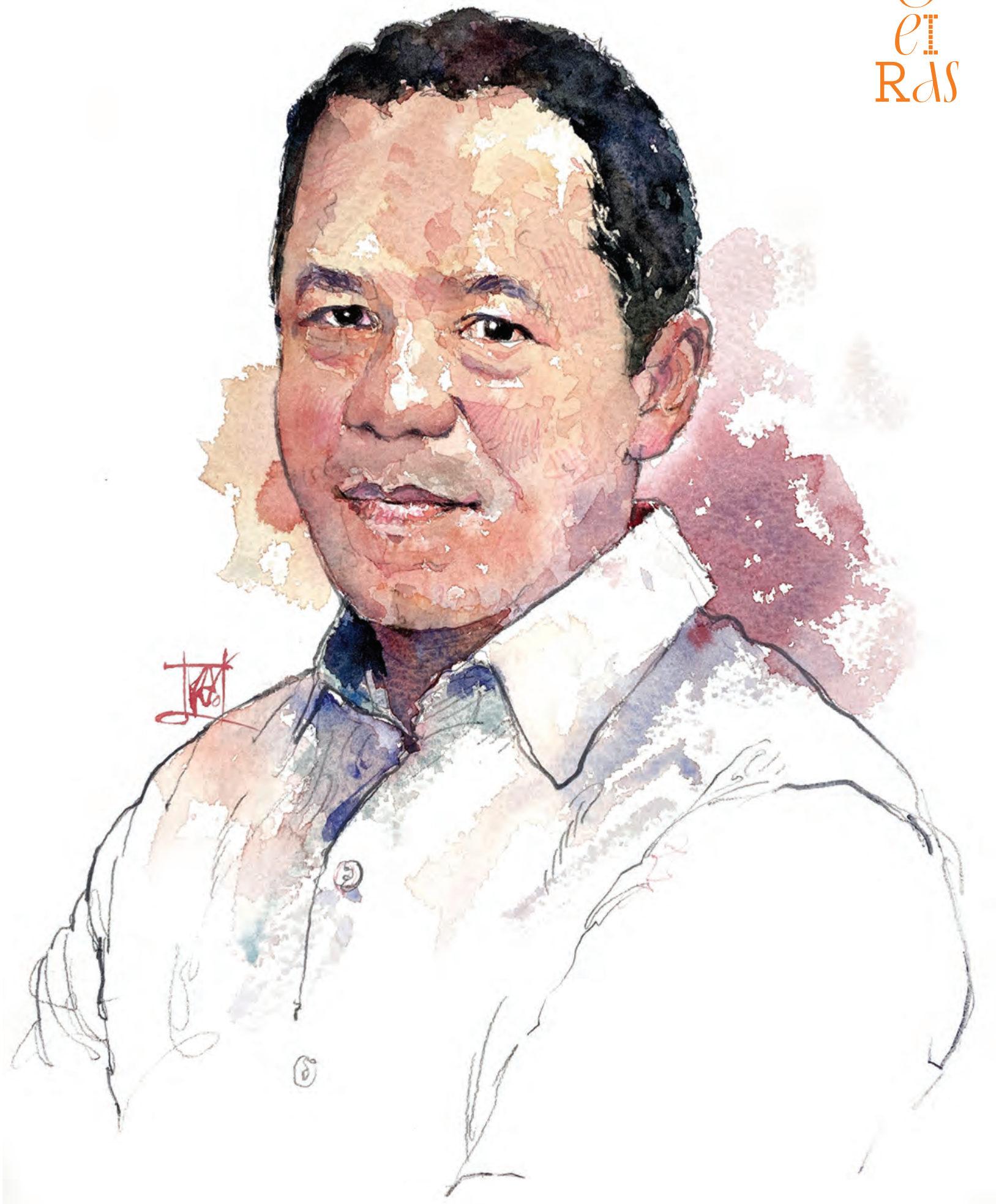
ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

"A MANEIRA COLONIAL DE VIVER AINDA ESTÁ ENTRE NÓS"

TEXTO
Gisela Pissarra

ILUSTRAÇÃO
André Kano

Primavera
2024



Itamar Vieira Júnior nasceu em Salvador, na Bahia, Brasil. É geógrafo e doutorado em Estudos Étnicos e Africanos. O seu romance 'Torto Arado', aclamado pela crítica e pelo público, venceu o Prémio Leya em 2018, além dos prémios Oceanos e Jabuti, e é um fenómeno literário invulgar com 800 mil exemplares já vendidos só no Brasil e múltiplas traduções. A sua obra já foi adaptada para teatro e televisão. Publicou 'Doramar ou a Odisseia', livro de contos, e 'Salvar o Fogo', o seu mais recente romance. Promete fechar o ciclo de três romances com um último sobre os emigrados do campo para a cidade. Esteve recentemente em Oeiras como convidado do Café com Letras.

OER **Em que idade percebeu que queria ser escritor?**

IVJ Acho que foi quando aprendi a ler e a escrever. As histórias infantis já me despertavam esse interesse pela escrita. Lembro-me, em especial, de um livro, 'O caso da borboleta Atíria', de uma escritora brasileira que já morreu, Lúcia Machado de Almeida. Na história existe uma comunidade de insetos, é uma história de mistério. Lembro-me que fiquei muito envolvido no livro, até porque eu cresci num lugar que tinha quintal e natureza. Essa história fez-me imaginar que os insetos tinham uma vida parecida com a nossa. E esse livro fez-me querer escrever. Eu lembro-me de que, logo a seguir, eu escrevi algo muito parecido com aquilo. Deve ter sido a primeira coisa que eu escrevi e finalizei.

OER **O livro foi-lhe dado por um professor?**

IVJ Não, este livro acho que foi indicado por algum vizinho que estudava numa escola que tinha biblioteca. Na minha escola, não havia. Se eu não me engano ele pediu o livro emprestado. Eu sei porque, a partir daí, trazia muitos livros de empréstimo da biblioteca para mim. Mas ele também tinha alguns em casa. Foi uma coisa recomendada. Não foi dado pelos professores.

OER **Rapidamente pais ou professores começaram a incentivá-lo a ler e escrever mais, ou foi iniciativa própria?**

IVJ Foi iniciativa própria. Eu recordo que ia para casa dos meus avós. O meu avô ainda trabalhava, e trazia-me histórias em banda desenhada. Eu lia com muita voracidade. Ele pedia para eu ter calma, para não ter de comprar outro depois. Mas eu não conseguia, e queria ir até ao fim. Não havia um estímulo muito claro, foi algo que aconteceu naturalmente. Ler despertava-me bons sentimentos e eu queria estar sempre a ler.

OER **As suas referências literárias depois foram mudando. Quais é que sente que o influenciaram mais no período da juventude?**

IVJ Já adolescente o Machado de Assis foi importante para a minha formação. Depois, tive acesso a uma literatura brasileira já escrita no século XX. Li autores como Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos ou Clarice Lispector. Também à poesia do João Cabral de Melo Neto. Esses autores eu acho que foram me incentivando a escrever. A ter um outro olhar sobre a literatura. É sempre difícil falar sobre influências. Eu acho que tudo que lemos de alguma maneira pode influenciar-nos. Encontrar nesta literatura referências do mundo que eu vivia, isso eu acho que também foi bastante importante. Anos mais tarde, já adulto, tive mais contato com uma literatura universal. Autores como Tolstói, Dostoievski, autores norte-americanos contemporâneos como James Baldwin, Toni Morrison e por aí. Também acho que tiveram um peso grande naquilo que eu escrevo, aprendi muito com eles.

OER **As questões da escravatura, da desigualdade, da opressão religiosa, da exploração dos trabalhadores ou do papel da mulher no interior do Brasil são muito importantes na sua obra.**



Sentia, desde cedo, que sua voz literária um dia iria refletir sobre esses temas?

IVJ Não. No início a minha ideia de escrita estava muito voltada para este mundo. Para a superfície, para as coisas que eu, apesar de não viver, via como eleitas pela literatura ou por outras expressões de arte. Pelo audiovisual, pelo cinema, como os temas importantes da arte humana... Eu não tinha a dimensão que me voltaria para outro lado. O tempo ajudou-me a amadurecer a escrita. Acho que a minha escrita estava muito voltada para questões mais interiores. Era muito menos espelhada no entorno, no meio onde eu vivia. Com o tempo, eu fui percebendo que as grandes histórias guardam essa referência do mundo, dos lugares onde elas foram escritas, e pelas pessoas por quem foram escritas. E percebi que eu poderia falar sobre coisas importantes. Podia contar histórias de personagens que tinham uma relação comigo, com a minha história. Estas personagens poderiam ter uma vida que pode ser considerada universal, por falarem de dilemas que pertencem a todos os seres humanos. A partir dessa consciência, eu acho que o que escrevo ganhou densidade. Porque eu já não escrevia sobre coisas e sentimentos que não encontravam referência no mundo onde eu estava. Eu acho que a minha aldeia, o mundo onde vivo, era rico o suficiente para me dar histórias que pudessem ser contadas. Essa consciência fez-me voltar para o mundo à minha volta.

OER **Mais tarde estudou e especializou-se em geografia. Foi a trabalhar como geógrafo que começou a lidar mais com esse mundo rural brasileiro, onde a herança da escravatura está muito viva?**

IVJ Eu tinha contato com essas histórias do campo, através de pessoas que migraram para a cidade. A minha família paterna é um exemplo muito claro. Acho que ali também estava um pouco de uma história que era nossa, que era coletiva. Mas eu não tinha uma dimensão prática de tudo isso. Desde criança que eu queria escrever. Mas quando descobriram que eu escrevia, os meus pais ficaram um pouco dececionados, achando que o tempo que dedicava à escrita era um tempo roubado ao estudo e ao que eu poderia ser. Éramos uma família de classe média baixa, e no nosso meio não havia escritores, artistas. Ser escritor era ser ninguém. Eles ficaram aflitos. A partir dali eu percebi que queria escrever, mas que ia também fazer aquilo que não os dececionasse. Fui estudar para ser professor, fui professor por 2 anos, mas não dei continuidade. Fui trabalhar no campo, não por interesse, mas por necessidade. Já tinha me formado, era muito jovem, precisava de trabalho e fui trabalhar no campo, no Maranhão, como funcionário público. Quando lá cheguei, percebi que ali havia um mundo imenso, de muitas histórias, de muitas narrativas, uma história que se misturava com a história do Brasil, que era uma história que aprendíamos nas escolas e fazia parte do passado. Não conseguíamos ver aquelas questões no nosso cotidiano. E no campo, as marcas desse passado ainda estão muito vivas. Ali era como se a história tivesse deixado marcas muito mais profundas. E como se eu pudesse ler a paisagem, ler as sociedades que eu conhecia, a partir dessa história que é a história do Brasil. Sejam elas marcas do genocídio indígena, sejam da diáspora africana. São marcas muito evidentes, como as do sistema de trabalho baseado na escravidão que durou quase quatro séculos no Brasil. Só que tudo isso ainda subsiste no campo de inúmeras maneiras, às vezes até da maneira literal.

Foto: Carmo Montanha

“Quando penso na literatura, e nas personagens que me interessam, consigo pensar nelas a partir de um ponto de vista antropológico também. Narrar as suas vidas, mas sem me preocupar em defendê-las ou castigá-las.

— *Itamar Vieira Junior* ESCRITOR

Percebi, ali, que aquela maneira quase feudal de viver ainda existia. O tempo passou só para algumas pessoas, não para as outras. Ter essa consciência também me ajudou a pensar e refletir sobre essas histórias.

OER **De seguida foi tirar o doutoramento. Foi uma espécie de segundo amadurecimento nestes temas?**

IVJ Com certeza. Primeiro, porque acho que o meu primeiro contato era muito empírico. Era desprovido de uma leitura sociológica e antropológica. Eu precisava de amadurecer profissionalmente também. Como havia essa possibilidade de especialização, pensei que me interessava conhecer o trabalho em profundidade. Não pensava nisso como algo que fosse contribuir para um projeto literário. Mas hoje eu percebo que me ajudou. Mudou profundamente a minha maneira de observar as coisas e expandiu os meus horizontes. Primeiro porque sou geógrafo, mas no doutoramento dediquei-me à antropologia. A antropologia permite-nos conhecer pessoas e comunidades a partir do seu olhar e da sua experiência. Isto sem julgá-los. Quando penso na literatura, e nas personagens que me interessam, consigo pensar nelas a partir de um ponto de vista antropológico também. Narrar as suas vidas, mas sem me preocupar em defendê-las ou castigá-las. Deixar que o leitor possa concluir. O que interessa é narrar essa vida com todas as suas contradições. E eu acho que, nesse sentido, a antropologia me permitiu experimentar, viver, conhecer e transmitir esse princípio naquilo que escrevo.

OER **Quando ganhou o prémio Leya ainda não tinha uma editora. Simplesmente enviou e ganhou, sem esperar. Não tinha procurado editoras antes?**

IVJ O Brasil é um país desigual desse ponto de vista. Eu vivo numa região, o Nordeste, que é pobre, e sempre esteve à margem. As grandes editoras estão sediadas no Rio de Janeiro, em São Paulo ou no Rio Grande do Sul. E as pessoas dali são as que, em grande medida, têm as suas obras publicadas. Eu não me atrevi a mandar essa história para nenhuma editora, porque eu sabia que o destino mais certo era ela ficar numa gaveta esquecida. Ganhei coragem porque tive uma boa experiência com aquele primeiro livro que mandei de maneira anónima e venceu o prémio; e depois publiquei um outro livro de contos, com um apoio público ('Doramar', já publicado em Portugal). Esse apoio financeiro permitiu-me publicar uma tiragem muito pequena, mas ainda assim o livro circulou e foi finalista do Prêmio Jabuti, que é o prémio mais importante da literatura no Brasil. Decidi, por isso, que havia de tentar fazer o mesmo com este, que é o meu primeiro romance. Procurei o que havia de apoios abertos para submeter o livro, e o primeiro que apareceu foi o Prémio Leya. Mesmo não sendo um prémio brasileiro, é voltado para a comunidade de língua portuguesa. Decidi mandar, mas não tinha nenhuma esperança. Acho que o começo da minha vida como escritor profissional, foi aqui em Portugal. Com os livros anteriores, eu não era procurado pela imprensa, não me apresentaram como escritor. Mas quando eu cheguei aqui, havia um programa. Sentei-me à mesa com escritores para me apresentar no festival 'Correntes de Escrita'. Falei com toda a imprensa portuguesa interessada em literatura. Estava a lidar com a escrita de uma maneira profissional. Vencer este prémio foi muito importante, tanto para que eu encontrasse leitores fora do Brasil, como para uma editora brasileira se interessar, e seis meses depois ser publicado lá. Acho que também para eles foi uma grande surpresa o que aconteceu, porque era uma tiragem pequena e não era uma grande editora, mas conseguiram fazer o livro circular e distribuir para o território nacional. Também eles foram surpreendidos pelo êxito editorial do livro, mas igualmente junto da crítica e de prémios literários naquele momento.

OER **Há muito tempo que um autor brasileiro contemporâneo não era tão reconhecido pela crítica e pares, mas também pelo público, com números de venda.**

IVJ Sim. Só no Brasil 'Torto Arado' já vendeu quase 800 mil exemplares. Acho que vivemos um momento novo e é tão curioso, porque isso não aconteceu só com este livro. Ele talvez tenha convidado os leitores a retornar à literatura brasileira, mas outros livros que foram lançados depois, inclusive de autores que já estão publicados em Portugal, puderam experimentar um êxito muito parecido também. Um exemplo é o Jeferson Tenório, com 'O Avesso da Pele'. Está publicado aqui e venceu o Prémio Jabuti. O livro dele vendeu milhares de exemplares no Brasil. Há outros autores, como a Carla Madeira, com três romances também aqui já publicados. Ou seja, acho que estamos a viver num momento bom na literatura brasileira.

OER **Sente que precisa de levar a voz do interior do Brasil para o mundo, de novo, agora como porta-voz de uma geração mais jovem?**

IVJ Acho que nunca refleti sobre isso. Interessa-me contar a história de pessoas, de personagens. Independentemente do país, partilhamos algo que é a condição humana. Estas personagens têm encontrado os seus leitores fora do Brasil por aquilo que elas podem representar. São sentimentos como o

desejo de liberdade, ou a luta por dignidade humana, que são universais e atravessam todas as culturas. Não me sinto como um porta-voz. Conto a história de um Brasil que estava soterrado e esquecido e que já não frequentava as páginas dos media ou da literatura. Eu precisava de contar essa história primeiro para mim mesmo, para que eu imaginasse e pensasse o que é que essa vida significa. Não imaginava também que os leitores se interessassem por histórias assim, sobre o campo. Isto num mundo que é cada vez mais urbano e cosmopolita. Os problemas concentram-se na cidade. O que é que o campo pode oferecer? São justamente esses atributos humanos das personagens que interessam aos leitores.

OER **Já referiu várias vezes que existe uma ferida entre Brasil e Portugal, algo herdado da colonização. Como é que vê essa ferida hoje, agora que está a conhecer melhor o Portugal contemporâneo?**

IVJ Eu acho que a gente deve guardar uma compreensão muito firme e objetiva sobre a história. A história fez com que nalguns momentos caminhássemos juntos, e noutros momentos caminhássemos com prioridades, desejos e objetivos diferentes. Quando se fala em colonialismo, acho que não se aponta o dedo a nenhum país específico. Não foi apenas Portugal que colonizou, muitos outros países o fizeram. Falamos de uma maneira de ver, viver e explorar o mundo que foi baseada na exploração não só de pessoas, mas de territórios e da natureza. Essa maneira colonial de viver ainda está entre nós, seja no Brasil, Portugal, Alemanha, Estados Unidos ou qualquer outro lugar. E ela tem nos levado a um momento limite e é preciso refletir sobre isso. A crise climática é um resultado de tudo isso, talvez até dessas estruturas coloniais que não foram desconstruídas ainda. Porque o mundo já não comporta esse nível de exploração da natureza. Isto foi inaugurado noutro tempo e nunca soubemos desconstruir. Da mesma maneira, quando falamos em sociedades como a americana, a brasileira, o caribe ou a américa latina, há aí um resultado direto do colonialismo, porque viveram séculos de escravidão. Essa escravidão já foi abolida há muitos anos, mas as marcas ainda continuam lá. Foi uma maneira de viver onde muitos eram explorados. Algumas vidas valiam mais e outras valiam menos. Tanto que nos Estados Unidos quanto no Brasil, a letalidade, por exemplo, do Estado para com a população negra é muito alta. Ser negro é ser alvo de uma violência do Estado, você é um potencial criminoso e tudo isso foi um legado desse momento. Quando a gente fala sobre colonialismo não é necessariamente para apontar o dedo e acusar ninguém. É entender que as estruturas que nos trouxeram até aqui ainda guardam o ranço de tudo isso. E pensar que precisamos de ter essa consciência para desconstruir.

OER **Pode falar do seu próximo projeto?**

IVJ 'Salvar o Fogo' é o meu romance mais recente, publicado este ano, que eu passei os últimos anos a escrever. Esse livro, ele não é uma continuação no sentido literal, mas ele guarda afinidades com o 'Torto Arado'. E eu ainda penso em fechar esse ciclo, com um novo romance que não se passa necessariamente no campo. Passa-se na cidade, mas é sobre esses desterrados que foram para a cidade. E seguiram o fluxo desse rio, que é o rio Santo António, que aflui para o Paraguaçu, e que desagua na Baía de Todos os Santos, em Salvador. É fechar o ciclo com essa história, em que terra e território são elementos vitais para a vida humana, não só para a vida dos camponeses, mas para a nossa. Estou falando do chão em que moramos, a casa que habitamos, a rua em que transitamos. Muitas pessoas não têm esse direito ou têm esse direito destituído, não só no Brasil, mas no mundo. Como a questão palestiniana, por exemplo. Falamos do direito ao território. Agora estamos a viver esse conflito na Europa, com a invasão da Ucrânia. Acho que são histórias que, na sua singularidade, refletem sobre isso numa escala muito menor que o problema desses países, mas, ainda assim, numa escala onde a gente percebe, como seres humanos, o quanto a terra e o território podem ser importantes para a nossa existência.

OER **Há pontes culturais que faltam abrir entre Portugal e o Brasil?**

IVJ Acho que nós precisamos de fortalecer esses laços, não só entre Portugal e o Brasil, mas com todas as comunidades que tenham uma história comum, e isso envolveria também os países de língua portuguesa de África. E que existisse, de facto, uma comunidade com laços estreitos e interesses comuns, onde pudéssemos ajudar-nos mutuamente. Temos histórias diversas, mas temos uma história em comum. É a língua que nos une de alguma maneira – e ainda bem - na compreensão mútua e naquilo que somos. Poderia partir daqui, para se fortalecer, uma grande comunidade que trocasse cultura e saberes.

Foto : Carmo Montanha



“Eu acho um grande disparate [o Acordo Ortográfico]. A beleza da língua portuguesa está na sua diversidade.”

— *Itamar Vieira Junior* ESCRITOR

O MAU É BOM

O MAU – MUSEU DE ARTE URBANA É UM PROJETO EM PLENO DESENVOLVIMENTO QUE REFLETE O ESPÍRITO QUE SE VIVE NO TAGUSPARK — DISRUPTIVO, ARROJADO E URBANO.



Primavera 2024

TEXTO
Taguspark

FOTOS
Taguspark



2

COM UMA FORTE COMPONENTE ARTÍSTICA e cultural, que unifica em si os valores que a Cidade do Conhecimento pretende transmitir à sua comunidade, o museu é composto por um conjunto crescente de obras distribuídas pelos espaços exteriores, pelas garagens subterrâneas e pelos edifícios do parque.

A coleção apresenta obras de artistas plásticos portugueses, reconhecidos a nível internacional, que convidam à introspeção e à reflexão sobre a sociedade e o mundo em que vivemos, promovendo a criatividade e o sentido crítico.

Nascido durante o confinamento causado pela pandemia de Covid-19, no começo de 2020, este museu começou por englobar graffiti de artistas portugueses pintados nas paredes das garagens do Taguspark, que posteriormente motivou a vontade de levar a arte para os espaços exteriores, com peças de escultura distribuídas pelas zonas verdes do parque. Obras que surpreendem e despertam os sentidos de habitantes e visitantes.

O MAU – Museu de Arte Urbana tornou-se num eixo basilar do Taguspark e representa um projeto dinâmico em expansão, que funciona como estímulo à criatividade e ao desenvolvimento pessoal de todos os habitantes do Parque.

1



3



4

5



6



7

1 GIRAFA LAVOISIER
OCEAN SOLE
Instalação: Novembro 2022
Localização: Átrio do Núcleo Central

2 INDUCK'TION
OSIR
Instalação: Novembro de 2020
Localização: Avenida Jacques Delors, Lagos do Núcleo Central

3 NASCIMENTO SILVA, 107 FOI UM RIO QUE PASSOU EM MINHA VIDA
MAÏSA CHAMPALIMAUD
Localização: Instalações da Taguspark SA

4 OPEN HEART
EBC
Instalação: Junho de 2020
Localização: Átrio do Núcleo Central

5 VARIAÇÕES
STYLER
Instalação: Abril 2021
Localização: Instalações da PHC Software, Avenida Professor Doutor Cavaco Silva, junto ao Simulador I
Propriedade: PHC Software

6 HAVE A NICE DAY
THE CAVER
Instalação: Maio de 2020
Localização: Átrio do Núcleo Central

7 UMBRA
RETHORICA STUDIO
Instalação: Dezembro de 2020
Localização: Avenida Jacques Delors, Jardins Edifícios Inovação

8 SPLASH THE WASTE
SUSANA ALVES
Instalação: Abril 2021
Localização: Instalações da PHC Software, Avenida Professor Doutor Cavaco Silva, junto ao Simulador I
Propriedade: PHC Software

MAU - MUSEU DE ARTE URBANA
Taguspark
Oeiras
www.taguspark.pt



SÉRGIO ALVES

"NÃO ATINGIMOS AINDA O POTENCIAL QUE O PAÍS TEM PARA SE INVESTIR CÁ"

TEXTO
Gisela Pissarra

FOTOGRAFIA
Carmo Montanha

Primavera
2024



Sérgio Alves é presidente da Astrazeneca Portugal, uma multinacional farmacêutica que está há 25 anos em Oeiras. Com uma carreira de cerca de duas décadas, que começou nas ciências farmacêuticas e transitou para a gestão, Sérgio Alves passou pela Servier e foi líder da Unidade de Negócio Hospitalar na Europa Ocidental da Pfizer, esteve em França, Eslováquia e Áustria. Em janeiro de 2021, ainda na pandemia, assumiu a liderança de uma das empresas que liderou a busca por uma vacina contra a Covid-19.

OER **O seu percurso vai da farmácia para a gestão. Quando foi estudar farmácia já imaginava um percurso deste tipo?**

SA Eu de facto não esperava, quando iniciei o curso de ciências farmacêuticas, não conhecia a área da gestão. Sou filho de funcionários públicos e toda esta área me era desconhecida. À medida que o curso foi avançando, eu passei de uma ideia de estudar mais para avançar na área de investigação, para a curiosidade de conhecer a vertente de gestão. Depois fui estagiar numa empresa da área da saúde e percebi de imediato que era aquela vertente que queria seguir. Comecei logo a trabalhar na indústria farmacêutica desde o início, exerci várias funções, primeiro em funções técnicas, depois em funções mais comerciais, fui, inclusive, Delegado de Informação Médica. A partir daí comecei a complementar a formação em farmácia com outro tipo de formações, como gestão empresarial, e depois um MBA, que me levou a este lado mais empresarial e que me conduziu, durante esta carreira, de pouco mais de 20 anos, a vários locais e aventuras.

OER **Chegou à Astrazeneca ainda em pandemia. Quais foram os grandes desafios que enfrentou na altura?**

SA Fui convidado para assumir a presidência em janeiro de 2021. Estávamos no pico da pandemia e, não podendo conhecer ninguém cara a cara, foi um desafio muito grande. Até porque eu próprio não estava na empresa antes. Isso significa que apesar de ter um conhecimento sobre a forma como a empresa funcionava, não a senti até àquele momento. E tive de a sentir. Tive de conhecer uma organização que iria liderar também através dos canais virtuais, e encontrar mecanismos para me ligar aos mais de 200 colaboradores da empresa. Por outro lado, a situação tornou-se exponencial porque a Astrazeneca exercia um papel muito importante a nível mundial, tendo em conta que era uma das empresas que estava a trabalhar para encontrar uma vacina contra a Covid-19. Numa fase em que Portugal assumia também a presidência da União Europeia, em janeiro de 2021, e perante a importância da empresa na Europa, tudo isso fez com que eu tivesse de apressar a minha curva de aprendizagem também em relação à realidade local, e aos contactos com as autoridades, pelo papel da Astrazeneca nesse momento. Foi desafiante, mas estimulou-me muito a encontrar práticas alternativas para esse tipo de contacto com colaboradores, organização e stakeholders da área da saúde a nível nacional.

OER **Quais os desafios que uma empresa deste tipo enfrenta na atualidade, e a que áreas de estudo querem dedicar-se no médio e longo prazo?**

SA A empresa teve esse impulso mediático de 2020 a 2022, devido à forma como lutou contra a pandemia, com o desenvolvimento de uma vacina. No entanto, é uma empresa que tem o seu destaque, até pela sua dimensão e pelas áreas terapêuticas em que investiga e comercializa medicamentos a nível mundial. Há uma visibilidade clara da empresa porque estamos a falar de uma Top 10 da área farmacêutica, a nível mundial. Em Portugal está também num dos primeiros lugares em termos de dimensão, o que faz com que seja bastante conhecida, estando a viver um momento bastante encorajador. E porquê? Porque a orientação estratégica que a empresa tinha até 2020 está a desenvolver-se e a ser executada nesta fase. Estamos já num caminho que não foi a pandemia que alterou,


who?

"Nos últimos três a quatro anos plantámos mais de 15 mil árvores, num esforço direto da própria organização. As metas são claras e de muito curto prazo."

— *Sérgio Alves* PRESIDENTE DA ASTRAZENECA PORTUGAL

pelo contrário, reforçou. No fundo, é utilizar o poder da Ciência, para a partir daí desenvolver, não apenas soluções terapêuticas, mas ter um papel interventivo para, de alguma forma, ajudar com esse poder que a ciência traz, à saúde das pessoas, da sociedade e do planeta. Temos as áreas terapêuticas muito bem definidas, desde a área cardio-vascular-renal-metabólica, com soluções terapêuticas já conhecidas e reforçadas; temos a área respiratória e imunologia, e temos a área da oncologia. São os 3 pilares, de há algum tempo a esta parte. Em 2020 a empresa adquiriu a Alexion, uma empresa norte-americana que fez com que a Astrazeneca entrasse na área das doenças raras. Finalmente, com a entrada na área das vacinas e doenças imunológicas, acabámos por completar o nosso portfólio. Estamos num momento bastante encorajador, e os resultados assim o demonstram. Não só estamos a conseguir executar a estratégia trazendo mais medicamentos salva-vidas para todo o mundo, como, para além dessa execução muito estrita ligada aos novos medicamentos, estamos a falar de um papel muito interventivo, por exemplo na área da sustentabilidade, hoje e no futuro.

OER **Em que medida a remodelação da sede portuguesa, feita já em 2023, está a permitir a vossa participação em Comunidades de Energia que podem beneficiar o Serviço Nacional de Saúde (SNS), fomentando a descarbonização do setor"?**

SA Para a Astrazeneca a sustentabilidade está no nosso DNA. Está na forma como olhamos o nosso trabalho, mas também como gerimos o nosso dia a dia. Por isso, focamo-nos em três pilares específicos quando olhamos para os cuidados de saúde. São eles o acesso aos cuidados de saúde, a proteção ambiental e também a área da ética e transparência. São 3 pilares muito claros para nós, sobre ações muito específicas. Mas se nos focarmos na área da proteção ambiental é o próprio edifício e a forma como o renovámos. Ele já tem mais de 25 anos e fizemos uma profunda remodelação tornando-o ainda mais sustentável, mas demonstrando, em ações, a forma como essa sustentabilidade é vivida. Neste momento temos um edifício com mais de 800 painéis fotovoltaicos, o que nos dá capacidade de recolher essa energia solar. Isto, tendo em conta que é uma empresa de alguma dimensão, já com um determinado tipo de pegada carbónica. Então decidimos passar toda a nossa frota de carros para elétricos: até final de 2024 teremos mais de 150 carros elétricos. Já conduzo um elétrico há dois anos. Chego e, ao carregá-lo aqui, a energia a ser utilizada é aquela proveniente dos painéis fotovoltaicos ou, no caso de não ser viável nesse preciso momento, tenho a certeza que toda a energia usada provém de fontes renováveis. Aqui há mais uma componente interligada. Para além de carregar o carro, agarro no telemóvel para marcar o almoço, sem usar papel – praticamente não usamos papel no escritório. Os restos alimentares são enviados para um centro de compostagem, que depois acaba por ser utilizada também aqui no edifício, em hortas que os nossos colaboradores quiseram ter, fazendo esta economia circular. É a forma como vivemos diariamente, e os colaboradores sentem-se até motivados por participarem ativamente. Não estamos apenas a usar a palavra sustentabilidade, mas a exercer esse conceito. Resolvemos também estabelecer um conjunto de parcerias, neste âmbito. Por exemplo, temos um certo excedente desta energia solar, nomeadamente aos feriados e fins de semana. Criámos então uma comunidade de energia, numa parceria com uma instituição de saúde, neste caso o Hospital Amadora-Sintra, que está a uma distância relativamente curta do nosso edifício, fazendo que, de uma forma simbólica, contribuamos para esta descarbonização do setor da saúde. Eu diria simbólica, porque temos consciência de que é um passo, mas é um passo que demonstra que pode ser feito também por vários outros a nível nacional. Há uma contribuição significativa dos gases de estufa a nível mundial no setor da saúde, de 4 a 5 por cento, portanto temos um papel aqui a desempenhar.

OER **Têm metas a serem atingidas nos próximos anos?**

SA Nós temos metas a nível mundial quando olhamos para a redução de emissão de gases de estufa no âmbito 1 e 2, 90% até 2030 e depois também penso que de 50% até 2045, no âmbito 3. (verificar os números com comunicação).

Depois temos metas locais. Uma das que acabámos de atingir foi a da neutralidade carbónica, em 2021, através das medidas de que acabámos de falar relativas ao edifício e á frota automóvel. Antes disso já tínhamos atingido a neutralidade porque compensávamos com a plantação de árvores no país. Nos últimos três a quatro ano plantámos mais de 15 mil árvores, num esforço direto da própria organização. As metas são claras e de muito curto prazo. Temos estas metas mais mundiais, que envolvem um outro esforço, tendo em conta que temos um nível de produção muito elevado, que não existe em Portugal. O que existe em Portugal é esta vertente mais comercial, com a existência da frota ou do edifício, aí estamos a atacar em cada um destes pontos com metas claras.

OER **Apesar do crescimento recente da empresa, em Portugal há uma área comercial, mas não há produção própria. Há possibilidade de se vir a produzir no país?**

SA A empresa está num bom nível de crescimento, não só num crescimento sustentado na realidade local, tanto a nível de faturação, como do número de colaboradores. Estamos com uma faturação acima de 100 milhões de euros e perto dos 150

milhões, e acabamos por estar a olhar para uma evolução positiva nesse aspeto. No entanto, compreendo a questão sobre se seria possível ter este tipo de produção em Portugal. Mas temos de refletir sobre a realidade do setor de produção, a nível mundial. Estamos a olhar para a área farmacêutica, altamente especializada, e que necessita depois de cadeias de produção e distribuição muito bem definidas e com um nível de especialização muito claro. Ele existe - e é claro quando olhamos para os nossos centros de investigação e produção nos EUA, Reino Unido, Suécia, entre outros - mas com uma estrutura de produção relativamente reduzida. Não há muito mais locais de produção a nível mundial. Isto é uma discussão permanente e acaba por ter a ver com o interesse que cada país tem nisso. A questão depois é qual é o nível de competitividade que nós temos para alterar um ciclo de produção que já existe, para o transferir para Portugal. O que é que Portugal tem para oferecer nessa componente? Se por um lado temos pessoal altamente qualificado, e, por outro, estamos num posicionamento positivo, em termos geográficos, entre os EUA e a Europa; por outro lado há uma questão de previsibilidade na área da saúde que é importante colocar em cima da mesa. Somos conhecidos, infelizmente...

OER **Pela instabilidade fiscal?**

SA Não iria tanto pela fiscalidade. É necessário um conjunto de pontos, e claro que a fiscalidade é importante. Tem havido até um esforço por parte do governo por demonstrar que há um conjunto de elementos atrativos para poder ser no nosso país. O que contrapomos é que, quando vamos concorrer contra outros países onde há filiais da empresa, vão avaliar, por exemplo, a previsibilidade do acesso ao medicamento. Veem que Portugal é dos mercados onde a inovação chega mais tarde, e onde, após aprovação de um novo medicamento pela Agência Europeia do Medicamento (EMA), somos dos países que demora mais tempo. Em Portugal, em média, demoramos 700 dias, após a aprovação pela EMA (Agência Europeia do Medicamento). Na Alemanha, esse número é inferior a 200 dias. Mas mesmo em países de média dimensão, a grande maioria é sempre menor que o nosso. Precisamos de garantir que há um estímulo à inovação e previsibilidade, para que depois a inovação possa ser cá produzida. Debatemos com frequência com as autoridades, e temos consciência de que é um aspeto-chave para alterarmos a forma como o nosso país é visto pelas grandes multinacionais, quando tomam este tipo de decisões.

OER **O que pensa do ecossistema de empresas do concelho e da sua possibilidade de crescimento e integração no território?**

SA É com bons olhos que vemos a evolução da implantação no concelho de empresas ligadas à tecnologia e à saúde. É com um certo sorriso nos lábios, porque somos dos veteranos em Oeiras. Estamos aqui desde final dos anos 90, ainda antes do boom de novos centros empresariais criados no início do milénio. Vemos o crescimento com bons olhos porque percebemos que tem sido algo não só sustentado, como dinamizado. Sentimos que há uma aproximação das empresas com as entidades que gerem o concelho, porque sentimos essa dinâmica de uma forma clara. Por exemplo, com a partilha de experiências entre essas empresas, com a busca de momentos onde podemos criar sinergias. A partir do momento em que no mesmo local temos empresas com um grau sofisticação elevado e tecnologia de ponta, acaba por nos estimular também para continuar a crescer. Estamos a sentir e a beneficiar disso há 25 anos. Vemos o potencial de crescimento e tomámos a decisão de nos mantermos em Oeiras, por ver isso mesmo. Muito recentemente questionámos mudar e percebemos que era muito mais interessante manter-nos nas mesmas instalações, renovando-as, do que mudar para outro local. Vemos essa capacidade de o concelho se manter muito ativo, muito dinâmico e com capacidade de atração. Quando achámos que isto poderia parar em determinado nível, vemos de imediato a chegada de novas empresas. Vemos isto tudo com bons olhos e contem connosco para ajudar nesse crescimento.

OER **Como vê o ensino e a investigação científica em Portugal? O que é que nos falta para fixar mais talento e fomentar o desenvolvimento da investigação?**

SA Sinto que há uma evolução positiva na forma como se faz ciência em Portugal e na forma como ela tem evoluído. Nós próprios somos um exemplo disso através das parcerias científicas que temos hoje, seja com universidades ou instituições de saúde, o que faz com que tenhamos, por exemplo, em franco desenvolvimento, ensaios clínicos e estudos de geração de evidência com níveis de investimento elevados. Só deste tipo de estudos nos últimos anos foram investidos cerca de 3 milhões de euros. Neles estão implicadas mais de 115 mil pessoas, porque no fundo precisamos de conhecer mais sobre a epidemiologia de um conjunto de patologias em Portugal – por causa disso precisamos de desenvolver um conjunto de parcerias e sentimos que há resposta. Eu coloco primeiro o copo meio cheio, dizendo que temos tido essa evolução positiva.

OER **115 mil pessoas...?**

SA Sim, para além de disponibilizarmos medicamentos, temos necessidade de conhecer a epidemiologia das

patologias que os nossos medicamentos tratam, ao nível da nossa população local. Por isso criamos parcerias. Por exemplo, estamos a desenvolver um estudo de portos?, que é para conhecer a incidência da insuficiência cardíaca, com a Sociedade Portuguesa de Cardiologia e a NOVA Medical School. Temos outro que é o estudo Epiasma, que pretende conhecer a prevalência da asma grave não tratada no nosso país. E queremos informação específica a nível local. Não vamos buscar dados de outro país. Para tal, recolhemos informação sobre mais de 115 mil pessoas nesses estudos, para estabelecer uma extrapolação estatística. A comunidade científica tem respondido positivamente, e em crescendo, às solicitações científicas que nós e outras empresas precisamos. Sinto que estamos num bom caminho, mas, claro, que quando vemos que há investigadores que sentem que vão desenvolver melhor o seu trabalho noutro país, sim, há aqui um sinal de alerta que se mantém. Temos de trilhar um caminho um pouco mais claro e um pouco mais incisivo para melhorar as condições de vida de quem faz Ciência no nosso país, garantir uma estabilidade que eles não têm. É uma das questões, entre outras, para essa previsibilidade das áreas da saúde e da ciência em Portugal. Sinto uma grande evolução, quando comparamos com há 10 ou 20 anos, mas acho que temos de nos considerar ainda insatisfeitos porque necessitamos de uma maior definição estratégica sobre onde queremos estar em 10, 15, 20 anos, para não ficarmos para trás e evitar esta fuga de talento.

OER **Em termos de descobertas científicas e de inovação, quais sente que serão as tendências a curto, médio prazo?**

SA O futuro é hoje na área do medicamento. Sentimos uma evolução tão grande nestes últimos anos que chegamos agora aqui a um momento muito definidor daquilo que será o futuro próximo. Estamos a passar de medicamentos conhecidos por pequenas moléculas — que usamos para fazer ensaios clínicos — estudamos o impacto que têm numa determinada população e usamos para aquela população. Essas pessoas depois são vistas de uma forma mais inespecífica, são grandes números. A grande tendência que sentimos é a capacidade de usar outro tipo de terapias, numa evolução científica muito grande, para customizar as terapias para determinadas pessoas, como, por exemplo, a terapia génica. Ou seja, estamos a olhar para uma personalização da área do medicamento, para melhorar a vida das pessoas. Por um lado, não deixa de ser extraordinária a capacidade que a ciência tem hoje para salvar vidas afetadas por patologias que há 5, 10, 15 anos era impensável, ao ponto de hoje quando pensamos na área de oncologia, já começamos a usar palavras como "cura". Ou, pelo menos, temos essa meta e isso é algo impressionante. É esse o entusiasmo que hoje temos na área da ciência da vida e

"Estamos a olhar para uma personalização da área do medicamento, para melhorar a vida das pessoas. [É] uma evolução científica muito grande ."

— Sérgio Alves

da saúde. E é de curto e médio prazo que estamos a falar. É claro que isto depois encerra outro tipo de desafios, porque falamos de uma inovação cada vez mais dispendiosa que gera obviamente desafios de sustentabilidade na área da saúde em relação a esses pontos, porque falamos de terapêuticas muito focadas para determinadas pessoas. É extraordinário para o futuro das pessoas, mas obriga-nos a repensar sobre a forma como a sustentabilidade na saúde pode evoluir nesse curto prazo. Para tal precisamos de pensar de maneira diferente face ao que estamos a pensar hoje. Falo de uma discussão aberta com as entidades regulamentares e os governos para perceber como é que podemos evoluir nesse trajeto que é inevitável. Se temos melhores terapêuticas, então elas devem ser usadas. Deve haver sustentabilidade, mas isso não deve impactar a capacidade de quem está a trazer essas terapêuticas para o mercado poder continuar a gerar o retorno do investimento para trazer ainda mais inovação ao mercado. Esse talvez seja o desafio.

OER **Sente que este tipo de empresas fica prejudicado porque a nossa lei tende a pôr limites muito fortes em termos de geração de lucro?**

SA Sinto que, em várias regiões, não só em Portugal, a alocação de verba para a saúde, e para o medicamento em particular, continua a ser visto muito mais como um custo, do que como um investimento e um enorme benefício para a sociedade. Eu não olho tanto para barreiras específicas, penso antes na forma como esse investimento deve ser olhado. Isso obriga-nos a repensar e olhar de maneira diferente. Se temos uma terapêutica nova no mercado, porque não refletir sobre a forma como podemos criar uma partilha de risco, com um acordo entre a indústria e os governos, e sobre como esse acordo pode evoluir. Nalguns países isso já está a ocorrer, enquanto que em Portugal ainda temos alguma dificuldade em dar esses passos. Temos um caminho a trilhar, é uma evolução clara que tem de ocorrer: a forma como se olha para investimento em saúde e no medicamento.

OER **Olhando para o seu setor de forma geral, como é que vê as tendências de investimento neste momento? Acompanham a chamada 'customização' das terapias?**

SA O setor caminha para um crescimento do investimento e basta olhar para os relatórios e contas das multinacionais farmacêuticas. Há um caminho muito claro no sentido de ficar cada uma dessas empresas em áreas muito específicas, até porque se percebe que é dessa forma que conseguem ter o conhecimento para trazer as melhores inovações. O que sentimos é a necessidade de acompanhar esse tipo de investimento com discussões cada vez mais profundas com as autoridades para garantir que há um modelo que funcione. A pandemia ajudou-nos a refletir um pouco sobre o assunto. Por um lado, a constatação na sociedade que era muito importante ter uma indústria farmacêutica pujante para, num curtíssimo espaço de tempo, trazer para a praça pública as tais vacinas de que precisávamos. Por outro lado, perante uma urgência tão grande, também houve a capacidade para se criar um conjunto de parcerias entre governo, indústria e

"O bom ambiente de trabalho, o querer acordar para trabalhar com uma equipa, e o encarar com entusiasmo o desafio que se vai ter — isso sim, para mim é o aspeto essencial, e é a minha principal ilação como gestor nos últimos anos."
— *Sérgio Alves* PRESIDENTE DA ASTRAZENECA PORTUGAL

academia, para acelerar todo o processo. Se vimos isto durante a pandemia, certamente podemos retirar ilações e perceber que é possível. Temos debatido um pouco entre nós, entre os diferentes intervenientes deste setor, e quando sentimos que há uma barreira, pensamos que é possível resolver. Esse é o estado de espírito que sentimos na nossa área, porque também reconhecemos a relevância que tivemos nesse período.

OER **Mas há áreas que crescem mais do que outras?**

SA Quando olhamos para a Astrazeneca, não há esse sentimento. Isso é claro se olhar para os nossos relatórios públicos, a nível global, e que refletem o que se passa também no nosso país. Ainda agora foi apresentado o relatório e contas de fecho do primeiro semestre de 2023, e o que nota é um crescimento sustentado nas diferentes áreas terapêuticas. São os focos claros da empresa, que tem mais 90 mil colaboradores a nível mundial e tem equipas dedicadas a cada uma das áreas, para além das doenças raras. Quando pensamos sobre como será daqui a 5, 10 ou 15 anos, estamos a apostar em todas, não apenas no dia de hoje, através de inovações que temos trazido. Isto na área da oncologia, cancro da mama, do pulmão, do ovário, da próstata, etc.; como na área respiratória, casos da Asma grave, DPOC (Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica). Ainda nos últimos meses trouxemos mais inovação e vamos trazer mais, em muito pouco tempo. Da mesma maneira, na área da insuficiência cardíaca, e, no geral, na área cardiovascular, renal e metabólica. A Astrazeneca cresce através de uma aposta sustentada nas diversas áreas – e agora também da área das vacinas. Estamos a olhar para as moléculas que estão nos ensaios de fase 1 e 2, que só chegarão ao mercado dentro de 5 ou 10 anos, mas crescemos também com base nas outras áreas. Há uma consistência em todas. Numa tendência um pouco mais geral, há uma evolução das chamadas patologias de cuidados de saúde primários, para outras mais de especialização. Essa evolução tem ocorrido muito devido ao que mencionei, em doenças onde o drama ainda é bastante grande. Falamos de doenças raras, da área de oncologia, onde vemos de facto essa evolução. O que sentimos é que tem havido uma evolução positiva em algumas destas áreas um pouco mais vastas em que já trabalhávamos, tendo havido grandes descobertas nos anos 90 e no início do milénio, como a área cardiovascular, por exemplo. Agora parece haver uma tendência para uma maior especialização e customização. Um foco muito claro para as necessidades graves ainda não atendidas, essa, sim, é a tendência que eu poderia destacar.

OER **Como gestor, quais os maiores ensinamentos dos últimos anos e o que considera mais importante para fixar talento?**

SA Para a Astrazeneca, e para mim enquanto gestor, para fixar o talento nós procuramos, com muita clareza, fazer os colaboradores sentirem-se bem e motivados onde estão. Temos o privilégio na área farmacêutica de ter um propósito muito claro. Quanto esse propósito é salvar vidas, isso é de tal maneira forte que orienta logo uma organização. Quando, para além desse propósito, acabamos por estimular o talento a desenvolver-se, dando as oportunidades certas, e a sentir-se bem onde está, é ideal. O bom ambiente de trabalho, o querer acordar para trabalhar com uma equipa, e o encarar com entusiasmo o desafio que se vai ter - isso sim, para mim é o aspeto essencial, e é a minha principal ilação como gestor nos últimos anos. Se pensarmos sobre onde estamos hoje: após a pandemia falava-se sobre a possibilidade de haver um trabalho cada vez mais virtual e, por exemplo, na Astrazeneca, hoje, damos uma flexibilidade muito grande para tal. Podem trabalhar em casa quando entenderem que é adequado, fornecendo nós condições muito boas para trabalharem em equipa, quando estão na empresa. Ao darmos isto, estamos a criar vínculos à cultura da organização, não só pela dinâmica da empresa, como por tudo o que podemos dar, e com este estímulo adicional, de ir para um local onde a sustentabilidade não é apenas falada, mas executada. Temos cuidado com as pessoas. Se num mês um colaborador precisar de dois dias para tratar de assuntos familiares, damos esses dois dias. Porque sabemos que é dessa forma que os talentos mais entregam e mais querem ficar. Por isso a nossa taxa de retenção é alta, porque temos mesmo esse cuidado. Eu achei que este seria um dos desafios principais dos últimos anos, mas concluímos que tem solução.

OER **Portugal é uma boa aposta para investimento na atualidade?**

SA Como a empresa é uma empresa farmacêutica muito focada nesta área, considero que estamos a evoluir na capacidade de sermos um bom país para investir. Quando digo evolução é porque, se por um lado acreditamos que temos as pessoas certas para poder investir aqui, e talento, por outro lado, há alguma dificuldade na competição com outros mercados, pela previsibilidade da área da saúde ou pela previsibilidade fiscal para poder investir. Dito isto, nós acabamos por garantir um fluxo de investimento crescente no nosso país. Mas queríamos mais. Eu acho que podemos ser um país ainda melhor para investir. Não atingimos ainda o potencial que o país tem. A realidade nacional tem de melhorar.

OER **Consegue imaginar um pacote de medidas para fomentar ainda mais a atração de investimento de qualidade?**

SA Para quem decide investir no país A ou no país B, tem de olhar para o país A, se for Portugal, e sentir que aqui há previsibilidade fiscal e clareza estratégica sobre como o país vai garantir a fixação do talento. Esse plano estratégico de médio prazo é essencial para que os decisores olhem para Portugal como esse lugar: estável, previsível e atrativo para maximizar o enorme potencial que o país já tem.

OER Isso é uma questão de investimento financeiro em diversas áreas, como por exemplo as bolsas dos investigadores...

SA Sim, as bolsas são um ótimo exemplo para demonstrar essa previsibilidade. A garantia de que isso se mantém, é uma política clara. Tem de haver uma demonstração de ambição por parte dos decisores. Somos um país com determinado PIB que, em média, é menor face aos países que competem diretamente connosco na busca deste tipo de investimento. Temos que demonstrar que, apesar dessas limitações, aproveitamos tudo o que temos. O talento, a estabilidade como sociedade – e que é muito bem vista – a localização geográfica...mas com clareza nessa mesma ambição. Esse é um ponto fundamental para sermos ainda mais vistos como local atrativo para investir.

OER A ciência e a tecnologia poderiam andar ainda mais vezes de mão dada com a cultura e educação. De que forma a Astrazeneca imagina poder vir a contribuir para estas últimas?

SA Compreendemos que devem andar de mãos dadas para um estímulo mútuo. Quando olhamos para a educação, é essencial termos essa ligação. Daí um conjunto de parcerias que temos com um grupo de universidades. É um número significativo de estagiários que recebemos todos os anos na nossa organização, com intuito de alimentar a ligação entre as universidades e a empresa, mas que se deve alargar ainda mais. Muitas vezes estabelecemos diálogos para tentar melhorar currículos de determinadas licenciaturas na área da ciência, portanto a área da educação está clara também. Tendo em conta este foco na vertente da educação, queremos encontrar pontos de ligação com a cultura de uma forma lata. Mais do que com a cultura, é com a sociedade que nos rodeia. Por isso, temos uma série de projetos com o município. Por exemplo, uma grande interligação com a área da Oeiras Solidária. A partir daí se ramifica um conjunto de outras ações. Ainda há um mês tivemos o chamado Dia da Companhia, que é um dia de atividades em que juntamos todos os colegas que estão espalhados pelo país. Nessa data, estabelecemos uma ligação com a Semear, uma instituição apoiada pelo município, e, no caso, estivemos todos nas instalações da Semear que tem grande ligação com a sociedade e com quem mais necessita. De tarde convidámos várias associações a juntarem-se a nós na empresa, seja no âmbito da solidariedade social, seja para inclusão de um conjunto de minorias ou da comunidade LGBT, para terem aqui o seu próprio espaço, para os conhecermos e para estabelecermos essa ligação. Querer fomentar este tipo de ligação parece-me ser uma boa génese para continuar a desenvolver esta componente cultural. Isto passa pela ligação entre empresa, colaboradores e associações, para depois chegar a algo mais. O que será esse algo mais, veremos nos próximos anos, mas, sem dúvida que estamos a dar passos sólidos para que isso evolua.

OER A empresa aposta no mecenato cultural?

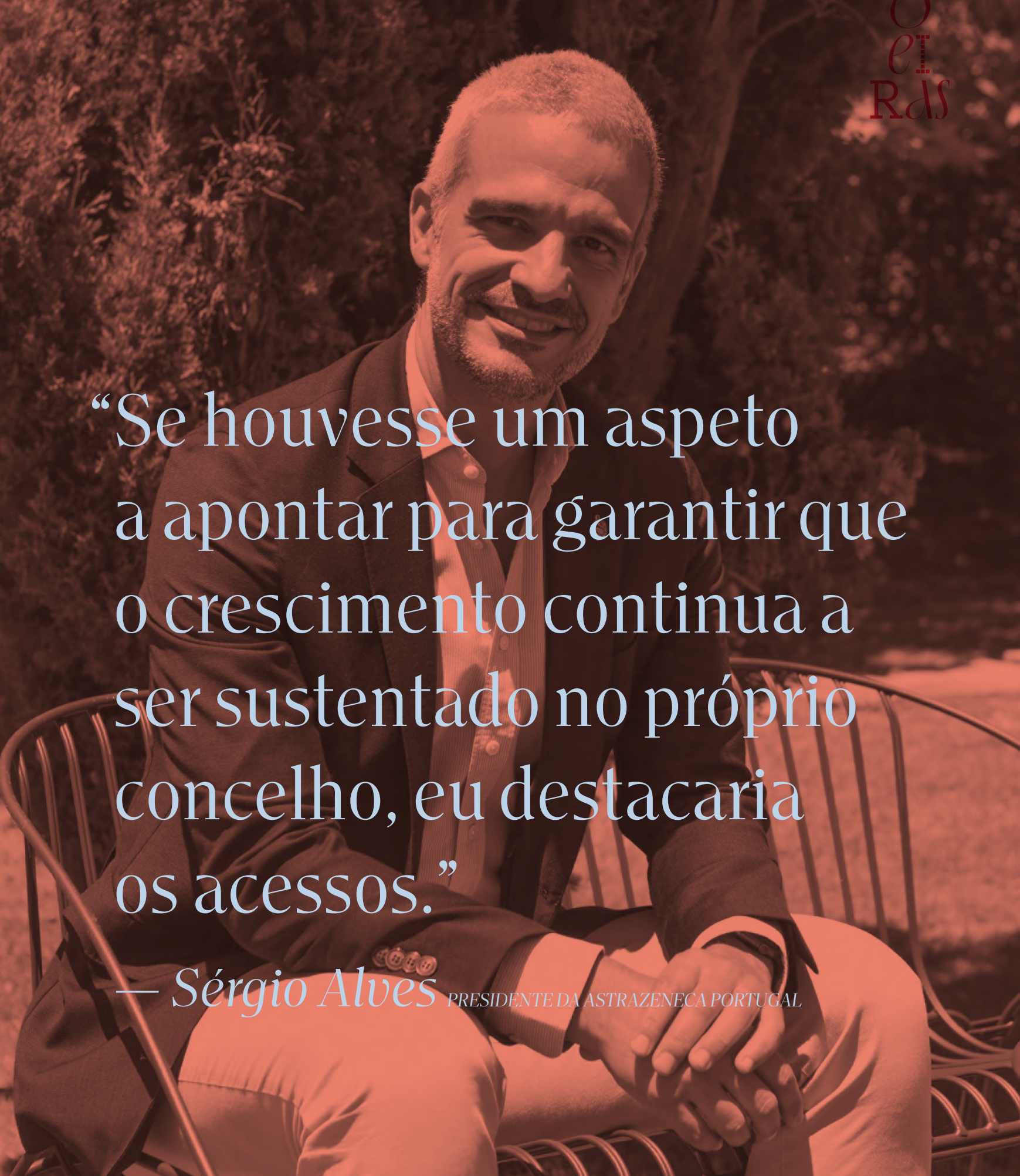
SA Como temos uma componente muito forte ligada à área da saúde, damos privilégio ao apoio à Ciência. Tendo em conta os recursos limitados que acabamos por ter, temos esse foco. O que não invalida que não possamos considerar esse tipo de ações, mas claramente temos uma orientação estratégica para podermos investir mais e marcar a diferença nas áreas da saúde, ciência e educação.

OER Apesar de não ser munícipe, trabalha no concelho. De uma maneira geral, o que é que Oeiras pode melhorar?

SA Oeiras tem-se destacado em várias áreas e o facto de haver uma maioria absoluta de empresas farmacêuticas no município, confirma a forma consistente como tudo foi feito. Como não sou munícipe, mas estou cá diariamente, o único ponto que poderia apontar está relacionada com os acessos ao próprio município. No fundo, temos aqui um número significativo de pessoas como eu, que vêm para o concelho, e acabam por ter algumas dificuldades nos acessos em algumas zonas. É certo que também já vimos alguma evolução, mas se houvesse um aspeto a apontar para garantir que o crescimento continua a ser sustentado no próprio concelho, eu destacaria os acessos.

OER Pode dar-nos exemplos de locais que frequente ou goste em Oeiras?

SA Acabo por não ter muita oportunidade para usufruir por razões de trabalho, portanto tenho de olhar para os últimos anos e destacar alguns eventos culturais de que me recordo. Por exemplo o Festival Jardins do Marquês, o Parque dos Poetas...onde passei momentos muito bons. A nível de restauração estão muito bem servidos. Gosto, por exemplo, da Casa Galega ou dos Arcos.



“Se houvesse um aspeto a apontar para garantir que o crescimento continua a ser sustentado no próprio concelho, eu destacaria os acessos.”

— *Sérgio Alves* PRESIDENTE DA ASTRAZENECA PORTUGAL

SÉRGIO ALVES

"NÃO ATINGIMOS AINDA O POTENCIAL QUE O PAÍS TEM PARA SE INVESTIR CÁ"

TEXTO
Gisela Pissarra

FOTOGRAFIA
Carmo Montanha

Primavera
2024



Sérgio Alves é presidente da Astrazeneca Portugal, uma multinacional farmacêutica que está há 25 anos em Oeiras. Com uma carreira de cerca de duas décadas, que começou nas ciências farmacêuticas e transitou para a gestão, Sérgio Alves passou pela Servier e foi líder da Unidade de Negócio Hospitalar na Europa Ocidental da Pfizer, esteve em França, Eslováquia e Áustria. Em janeiro de 2021, ainda na pandemia, assumiu a liderança de uma das empresas que liderou a busca por uma vacina contra a Covid-19.

OER **O seu percurso vai da farmácia para a gestão. Quando foi estudar farmácia já imaginava um percurso deste tipo?**

SA Eu de facto não esperava, quando iniciei o curso de ciências farmacêuticas, não conhecia a área da gestão. Sou filho de funcionários públicos e toda esta área me era desconhecida. À medida que o curso foi avançando, eu passei de uma ideia de estudar mais para avançar na área de investigação, para a curiosidade de conhecer a vertente de gestão. Depois fui estagiar numa empresa da área da saúde e percebi de imediato que era aquela vertente que queria seguir. Comecei logo a trabalhar na indústria farmacêutica desde o início, exerci várias funções, primeiro em funções técnicas, depois em funções mais comerciais, fui, inclusive, Delegado de Informação Médica. A partir daí comecei a complementar a formação em farmácia com outro tipo de formações, como gestão empresarial, e depois um MBA, que me levou a este lado mais empresarial e que me conduziu, durante esta carreira, de pouco mais de 20 anos, a vários locais e aventuras.

OER **Chegou à Astrazeneca ainda em pandemia. Quais foram os grandes desafios que enfrentou na altura?**

SA Fui convidado para assumir a presidência em janeiro de 2021. Estávamos no pico da pandemia e, não podendo conhecer ninguém cara a cara, foi um desafio muito grande. Até porque eu próprio não estava na empresa antes. Isso significa que apesar de ter um conhecimento sobre a forma como a empresa funcionava, não a senti até àquele momento. E tive de a sentir. Tive de conhecer uma organização que iria liderar também através dos canais virtuais, e encontrar mecanismos para me ligar aos mais de 200 colaboradores da empresa. Por outro lado, a situação tornou-se exponencial porque a Astrazeneca exercia um papel muito importante a nível mundial, tendo em conta que era uma das empresas que estava a trabalhar para encontrar uma vacina contra a Covid-19. Numa fase em que Portugal assumia também a presidência da União Europeia, em janeiro de 2021, e perante a importância da empresa na Europa, tudo isso fez com que eu tivesse de apressar a minha curva de aprendizagem também em relação à realidade local, e aos contactos com as autoridades, pelo papel da Astrazeneca nesse momento. Foi desafiante, mas estimulou-me muito a encontrar práticas alternativas para esse tipo de contacto com colaboradores, organização e stakeholders da área da saúde a nível nacional.

OER **Quais os desafios que uma empresa deste tipo enfrenta na atualidade, e a que áreas de estudo querem dedicar-se no médio e longo prazo?**

SA A empresa teve esse impulso mediático de 2020 a 2022, devido à forma como lutou contra a pandemia, com o desenvolvimento de uma vacina. No entanto, é uma empresa que tem o seu destaque, até pela sua dimensão e pelas áreas terapêuticas em que investiga e comercializa medicamentos a nível mundial. Há uma visibilidade clara da empresa porque estamos a falar de uma Top 10 da área farmacêutica, a nível mundial. Em Portugal está também num dos primeiros lugares em termos de dimensão, o que faz com que seja bastante conhecida, estando a viver um momento bastante encorajador. E porquê? Porque a orientação estratégica que a empresa tinha até 2020 está a desenvolver-se e a ser executada nesta fase. Estamos já num caminho que não foi a pandemia que alterou,


who?

"Nos últimos três a quatro anos plantámos mais de 15 mil árvores, num esforço direto da própria organização. As metas são claras e de muito curto prazo."

— *Sérgio Alves* PRESIDENTE DA ASTRAZENECA PORTUGAL

pelo contrário, reforçou. No fundo, é utilizar o poder da Ciência, para a partir daí desenvolver, não apenas soluções terapêuticas, mas ter um papel interventivo para, de alguma forma, ajudar com esse poder que a ciência traz, à saúde das pessoas, da sociedade e do planeta. Temos as áreas terapêuticas muito bem definidas, desde a área cardio-vascular-renal-metabólica, com soluções terapêuticas já conhecidas e reforçadas; temos a área respiratória e imunologia, e temos a área da oncologia. São os 3 pilares, de há algum tempo a esta parte. Em 2020 a empresa adquiriu a Alexion, uma empresa norte-americana que fez com que a Astrazeneca entrasse na área das doenças raras. Finalmente, com a entrada na área das vacinas e doenças imunológicas, acabámos por completar o nosso portfólio. Estamos num momento bastante encorajador, e os resultados assim o demonstram. Não só estamos a conseguir executar a estratégia trazendo mais medicamentos salva-vidas para todo o mundo, como, para além dessa execução muito estrita ligada aos novos medicamentos, estamos a falar de um papel muito interventivo, por exemplo na área da sustentabilidade, hoje e no futuro.

OER **Em que medida a remodelação da sede portuguesa, feita já em 2023, está a permitir a vossa participação em Comunidades de Energia que podem beneficiar o Serviço Nacional de Saúde (SNS), fomentando a descarbonização do setor"?**

SA Para a Astrazeneca a sustentabilidade está no nosso DNA. Está na forma como olhamos o nosso trabalho, mas também como gerimos o nosso dia a dia. Por isso, focamo-nos em três pilares específicos quando olhamos para os cuidados de saúde. São eles o acesso aos cuidados de saúde, a proteção ambiental e também a área da ética e transparência. São 3 pilares muito claros para nós, sobre ações muito específicas. Mas se nos focarmos na área da proteção ambiental é o próprio edifício e a forma como o renovámos. Ele já tem mais de 25 anos e fizemos uma profunda remodelação tornando-o ainda mais sustentável, mas demonstrando, em ações, a forma como essa sustentabilidade é vivida. Neste momento temos um edifício com mais de 800 painéis fotovoltaicos, o que nos dá capacidade de recolher essa energia solar. Isto, tendo em conta que é uma empresa de alguma dimensão, já com um determinado tipo de pegada carbónica. Então decidimos passar toda a nossa frota de carros para elétricos: até final de 2024 teremos mais de 150 carros elétricos. Já conduzo um elétrico há dois anos. Chego e, ao carregá-lo aqui, a energia a ser utilizada é aquela proveniente dos painéis fotovoltaicos ou, no caso de não ser viável nesse preciso momento, tenho a certeza que toda a energia usada provém de fontes renováveis. Aqui há mais uma componente interligada. Para além de carregar o carro, agarro no telemóvel para marcar o almoço, sem usar papel – praticamente não usamos papel no escritório. Os restos alimentares são enviados para um centro de compostagem, que depois acaba por ser utilizada também aqui no edifício, em hortas que os nossos colaboradores quiseram ter, fazendo esta economia circular. É a forma como vivemos diariamente, e os colaboradores sentem-se até motivados por participarem ativamente. Não estamos apenas a usar a palavra sustentabilidade, mas a exercer esse conceito. Resolvemos também estabelecer um conjunto de parcerias, neste âmbito. Por exemplo, temos um certo excedente desta energia solar, nomeadamente aos feriados e fins de semana. Criámos então uma comunidade de energia, numa parceria com uma instituição de saúde, neste caso o Hospital Amadora-Sintra, que está a uma distância relativamente curta do nosso edifício, fazendo que, de uma forma simbólica, contribuamos para esta descarbonização do setor da saúde. Eu diria simbólica, porque temos consciência de que é um passo, mas é um passo que demonstra que pode ser feito também por vários outros a nível nacional. Há uma contribuição significativa dos gases de estufa a nível mundial no setor da saúde, de 4 a 5 por cento, portanto temos um papel aqui a desempenhar.

OER **Têm metas a serem atingidas nos próximos anos?**

SA Nós temos metas a nível mundial quando olhamos para a redução de emissão de gases de estufa no âmbito 1 e 2, 90% até 2030 e depois também penso que de 50% até 2045, no âmbito 3. (verificar os números com comunicação).

Depois temos metas locais. Uma das que acabámos de atingir foi a da neutralidade carbónica, em 2021, através das medidas de que acabámos de falar relativas ao edifício e á frota automóvel. Antes disso já tínhamos atingido a neutralidade porque compensávamos com a plantação de árvores no país. Nos últimos três a quatro ano plantámos mais de 15 mil árvores, num esforço direto da própria organização. As metas são claras e de muito curto prazo. Temos estas metas mais mundiais, que envolvem um outro esforço, tendo em conta que temos um nível de produção muito elevado, que não existe em Portugal. O que existe em Portugal é esta vertente mais comercial, com a existência da frota ou do edifício, aí estamos a atacar em cada um destes pontos com metas claras.

OER **Apesar do crescimento recente da empresa, em Portugal há uma área comercial, mas não há produção própria. Há possibilidade de se vir a produzir no país?**

SA A empresa está num bom nível de crescimento, não só num crescimento sustentado na realidade local, tanto a nível de faturação, como do número de colaboradores. Estamos com uma faturação acima de 100 milhões de euros e perto dos 150

milhões, e acabamos por estar a olhar para uma evolução positiva nesse aspeto. No entanto, compreendo a questão sobre se seria possível ter este tipo de produção em Portugal. Mas temos de refletir sobre a realidade do setor de produção, a nível mundial. Estamos a olhar para a área farmacêutica, altamente especializada, e que necessita depois de cadeias de produção e distribuição muito bem definidas e com um nível de especialização muito claro. Ele existe - e é claro quando olhamos para os nossos centros de investigação e produção nos EUA, Reino Unido, Suécia, entre outros - mas com uma estrutura de produção relativamente reduzida. Não há muito mais locais de produção a nível mundial. Isto é uma discussão permanente e acaba por ter a ver com o interesse que cada país tem nisso. A questão depois é qual é o nível de competitividade que nós temos para alterar um ciclo de produção que já existe, para o transferir para Portugal. O que é que Portugal tem para oferecer nessa componente? Se por um lado temos pessoal altamente qualificado, e, por outro, estamos num posicionamento positivo, em termos geográficos, entre os EUA e a Europa; por outro lado há uma questão de previsibilidade na área da saúde que é importante colocar em cima da mesa. Somos conhecidos, infelizmente...

OER **Pela instabilidade fiscal?**

SA Não iria tanto pela fiscalidade. É necessário um conjunto de pontos, e claro que a fiscalidade é importante. Tem havido até um esforço por parte do governo por demonstrar que há um conjunto de elementos atrativos para poder ser no nosso país. O que contrapomos é que, quando vamos concorrer contra outros países onde há filiais da empresa, vão avaliar, por exemplo, a previsibilidade do acesso ao medicamento. Veem que Portugal é dos mercados onde a inovação chega mais tarde, e onde, após aprovação de um novo medicamento pela Agência Europeia do Medicamento (EMA), somos dos países que demora mais tempo. Em Portugal, em média, demoramos 700 dias, após a aprovação pela EMA (Agência Europeia do Medicamento). Na Alemanha, esse número é inferior a 200 dias. Mas mesmo em países de média dimensão, a grande maioria é sempre menor que o nosso. Precisamos de garantir que há um estímulo à inovação e previsibilidade, para que depois a inovação possa ser cá produzida. Debatemos com frequência com as autoridades, e temos consciência de que é um aspeto-chave para alterarmos a forma como o nosso país é visto pelas grandes multinacionais, quando tomam este tipo de decisões.

OER **O que pensa do ecossistema de empresas do concelho e da sua possibilidade de crescimento e integração no território?**

SA É com bons olhos que vemos a evolução da implantação no concelho de empresas ligadas à tecnologia e à saúde. É com um certo sorriso nos lábios, porque somos dos veteranos em Oeiras. Estamos aqui desde final dos anos 90, ainda antes do boom de novos centros empresariais criados no início do milénio. Vemos o crescimento com bons olhos porque percebemos que tem sido algo não só sustentado, como dinamizado. Sentimos que há uma aproximação das empresas com as entidades que gerem o concelho, porque sentimos essa dinâmica de uma forma clara. Por exemplo, com a partilha de experiências entre essas empresas, com a busca de momentos onde podemos criar sinergias. A partir do momento em que no mesmo local temos empresas com um grau sofisticação elevado e tecnologia de ponta, acaba por nos estimular também para continuar a crescer. Estamos a sentir e a beneficiar disso há 25 anos. Vemos o potencial de crescimento e tomámos a decisão de nos mantermos em Oeiras, por ver isso mesmo. Muito recentemente questionámos mudar e percebemos que era muito mais interessante manter-nos nas mesmas instalações, renovando-as, do que mudar para outro local. Vemos essa capacidade de o concelho se manter muito ativo, muito dinâmico e com capacidade de atração. Quando achámos que isto poderia parar em determinado nível, vemos de imediato a chegada de novas empresas. Vemos isto tudo com bons olhos e contem connosco para ajudar nesse crescimento.

OER **Como vê o ensino e a investigação científica em Portugal? O que é que nos falta para fixar mais talento e fomentar o desenvolvimento da investigação?**

SA Sinto que há uma evolução positiva na forma como se faz ciência em Portugal e na forma como ela tem evoluído. Nós próprios somos um exemplo disso através das parcerias científicas que temos hoje, seja com universidades ou instituições de saúde, o que faz com que tenhamos, por exemplo, em franco desenvolvimento, ensaios clínicos e estudos de geração de evidência com níveis de investimento elevados. Só deste tipo de estudos nos últimos anos foram investidos cerca de 3 milhões de euros. Neles estão implicadas mais de 115 mil pessoas, porque no fundo precisamos de conhecer mais sobre a epidemiologia de um conjunto de patologias em Portugal – por causa disso precisamos de desenvolver um conjunto de parcerias e sentimos que há resposta. Eu coloco primeiro o copo meio cheio, dizendo que temos tido essa evolução positiva.

OER **115 mil pessoas...?**

SA Sim, para além de disponibilizarmos medicamentos, temos necessidade de conhecer a epidemiologia das

patologias que os nossos medicamentos tratam, ao nível da nossa população local. Por isso criamos parcerias. Por exemplo, estamos a desenvolver um estudo de portos?, que é para conhecer a incidência da insuficiência cardíaca, com a Sociedade Portuguesa de Cardiologia e a NOVA Medical School. Temos outro que é o estudo Epiasma, que pretende conhecer a prevalência da asma grave não tratada no nosso país. E queremos informação específica a nível local. Não vamos buscar dados de outro país. Para tal, recolhemos informação sobre mais de 115 mil pessoas nesses estudos, para estabelecer uma extrapolação estatística. A comunidade científica tem respondido positivamente, e em crescendo, às solicitações científicas que nós e outras empresas precisamos. Sinto que estamos num bom caminho, mas, claro, que quando vemos que há investigadores que sentem que vão desenvolver melhor o seu trabalho noutro país, sim, há aqui um sinal de alerta que se mantém. Temos de trilhar um caminho um pouco mais claro e um pouco mais incisivo para melhorar as condições de vida de quem faz Ciência no nosso país, garantir uma estabilidade que eles não têm. É uma das questões, entre outras, para essa previsibilidade das áreas da saúde e da ciência em Portugal. Sinto uma grande evolução, quando comparamos com há 10 ou 20 anos, mas acho que temos de nos considerar ainda insatisfeitos porque necessitamos de uma maior definição estratégica sobre onde queremos estar em 10, 15, 20 anos, para não ficarmos para trás e evitar esta fuga de talento.

OER **Em termos de descobertas científicas e de inovação, quais sente que serão as tendências a curto, médio prazo?**

SA O futuro é hoje na área do medicamento. Sentimos uma evolução tão grande nestes últimos anos que chegamos agora aqui a um momento muito definidor daquilo que será o futuro próximo. Estamos a passar de medicamentos conhecidos por pequenas moléculas — que usamos para fazer ensaios clínicos — estudamos o impacto que têm numa determinada população e usamos para aquela população. Essas pessoas depois são vistas de uma forma mais inespecífica, são grandes números. A grande tendência que sentimos é a capacidade de usar outro tipo de terapias, numa evolução científica muito grande, para customizar as terapias para determinadas pessoas, como, por exemplo, a terapia génica. Ou seja, estamos a olhar para uma personalização da área do medicamento, para melhorar a vida das pessoas. Por um lado, não deixa de ser extraordinária a capacidade que a ciência tem hoje para salvar vidas afetadas por patologias que há 5, 10, 15 anos era impensável, ao ponto de hoje quando pensamos na área de oncologia, já começamos a usar palavras como "cura". Ou, pelo menos, temos essa meta e isso é algo impressionante. É esse o entusiasmo que hoje temos na área da ciência da vida e

"Estamos a olhar para uma personalização da área do medicamento, para melhorar a vida das pessoas. [É] uma evolução científica muito grande ."

— Sérgio Alves

da saúde. E é de curto e médio prazo que estamos a falar. É claro que isto depois encerra outro tipo de desafios, porque falamos de uma inovação cada vez mais dispendiosa que gera obviamente desafios de sustentabilidade na área da saúde em relação a esses pontos, porque falamos de terapêuticas muito focadas para determinadas pessoas. É extraordinário para o futuro das pessoas, mas obriga-nos a repensar sobre a forma como a sustentabilidade na saúde pode evoluir nesse curto prazo. Para tal precisamos de pensar de maneira diferente face ao que estamos a pensar hoje. Falo de uma discussão aberta com as entidades regulamentares e os governos para perceber como é que podemos evoluir nesse trajeto que é inevitável. Se temos melhores terapêuticas, então elas devem ser usadas. Deve haver sustentabilidade, mas isso não deve impactar a capacidade de quem está a trazer essas terapêuticas para o mercado poder continuar a gerar o retorno do investimento para trazer ainda mais inovação ao mercado. Esse talvez seja o desafio.

OER **Sente que este tipo de empresas fica prejudicado porque a nossa lei tende a pôr limites muito fortes em termos de geração de lucro?**

SA Sinto que, em várias regiões, não só em Portugal, a alocação de verba para a saúde, e para o medicamento em particular, continua a ser visto muito mais como um custo, do que como um investimento e um enorme benefício para a sociedade. Eu não olho tanto para barreiras específicas, penso antes na forma como esse investimento deve ser olhado. Isso obriga-nos a repensar e olhar de maneira diferente. Se temos uma terapêutica nova no mercado, porque não refletir sobre a forma como podemos criar uma partilha de risco, com um acordo entre a indústria e os governos, e sobre como esse acordo pode evoluir. Nalguns países isso já está a ocorrer, enquanto que em Portugal ainda temos alguma dificuldade em dar esses passos. Temos um caminho a trilhar, é uma evolução clara que tem de ocorrer: a forma como se olha para investimento em saúde e no medicamento.

OER **Olhando para o seu setor de forma geral, como é que vê as tendências de investimento neste momento? Acompanham a chamada 'customização' das terapias?**

SA O setor caminha para um crescimento do investimento e basta olhar para os relatórios e contas das multinacionais farmacêuticas. Há um caminho muito claro no sentido de ficar cada uma dessas empresas em áreas muito específicas, até porque se percebe que é dessa forma que conseguem ter o conhecimento para trazer as melhores inovações. O que sentimos é a necessidade de acompanhar esse tipo de investimento com discussões cada vez mais profundas com as autoridades para garantir que há um modelo que funcione. A pandemia ajudou-nos a refletir um pouco sobre o assunto. Por um lado, a constatação na sociedade que era muito importante ter uma indústria farmacêutica pujante para, num curtíssimo espaço de tempo, trazer para a praça pública as tais vacinas de que precisávamos. Por outro lado, perante uma urgência tão grande, também houve a capacidade para se criar um conjunto de parcerias entre governo, indústria e

"O bom ambiente de trabalho, o querer acordar para trabalhar com uma equipa, e o encarar com entusiasmo o desafio que se vai ter — isso sim, para mim é o aspeto essencial, e é a minha principal ilação como gestor nos últimos anos."
— *Sérgio Alves* PRESIDENTE DA ASTRAZENECA PORTUGAL

academia, para acelerar todo o processo. Se vimos isto durante a pandemia, certamente podemos retirar ilações e perceber que é possível. Temos debatido um pouco entre nós, entre os diferentes intervenientes deste setor, e quando sentimos que há uma barreira, pensamos que é possível resolver. Esse é o estado de espírito que sentimos na nossa área, porque também reconhecemos a relevância que tivemos nesse período.

OER **Mas há áreas que crescem mais do que outras?**

SA Quando olhamos para a Astrazeneca, não há esse sentimento. Isso é claro se olhar para os nossos relatórios públicos, a nível global, e que refletem o que se passa também no nosso país. Ainda agora foi apresentado o relatório e contas de fecho do primeiro semestre de 2023, e o que nota é um crescimento sustentado nas diferentes áreas terapêuticas. São os focos claros da empresa, que tem mais 90 mil colaboradores a nível mundial e tem equipas dedicadas a cada uma das áreas, para além das doenças raras. Quando pensamos sobre como será daqui a 5, 10 ou 15 anos, estamos a apostar em todas, não apenas no dia de hoje, através de inovações que temos trazido. Isto na área da oncologia, cancro da mama, do pulmão, do ovário, da próstata, etc.; como na área respiratória, casos da Asma grave, DPOC (Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica). Ainda nos últimos meses trouxemos mais inovação e vamos trazer mais, em muito pouco tempo. Da mesma maneira, na área da insuficiência cardíaca, e, no geral, na área cardiovascular, renal e metabólica. A Astrazeneca cresce através de uma aposta sustentada nas diversas áreas – e agora também da área das vacinas. Estamos a olhar para as moléculas que estão nos ensaios de fase 1 e 2, que só chegarão ao mercado dentro de 5 ou 10 anos, mas crescemos também com base nas outras áreas. Há uma consistência em todas. Numa tendência um pouco mais geral, há uma evolução das chamadas patologias de cuidados de saúde primários, para outras mais de especialização. Essa evolução tem ocorrido muito devido ao que mencionei, em doenças onde o drama ainda é bastante grande. Falamos de doenças raras, da área de oncologia, onde vemos de facto essa evolução. O que sentimos é que tem havido uma evolução positiva em algumas destas áreas um pouco mais vastas em que já trabalhávamos, tendo havido grandes descobertas nos anos 90 e no início do milénio, como a área cardiovascular, por exemplo. Agora parece haver uma tendência para uma maior especialização e customização. Um foco muito claro para as necessidades graves ainda não atendidas, essa, sim, é a tendência que eu poderia destacar.

OER **Como gestor, quais os maiores ensinamentos dos últimos anos e o que considera mais importante para fixar talento?**

SA Para a Astrazeneca, e para mim enquanto gestor, para fixar o talento nós procuramos, com muita clareza, fazer os colaboradores sentirem-se bem e motivados onde estão. Temos o privilégio na área farmacêutica de ter um propósito muito claro. Quanto esse propósito é salvar vidas, isso é de tal maneira forte que orienta logo uma organização. Quando, para além desse propósito, acabamos por estimular o talento a desenvolver-se, dando as oportunidades certas, e a sentir-se bem onde está, é ideal. O bom ambiente de trabalho, o querer acordar para trabalhar com uma equipa, e o encarar com entusiasmo o desafio que se vai ter - isso sim, para mim é o aspeto essencial, e é a minha principal ilação como gestor nos últimos anos. Se pensarmos sobre onde estamos hoje: após a pandemia falava-se sobre a possibilidade de haver um trabalho cada vez mais virtual e, por exemplo, na Astrazeneca, hoje, damos uma flexibilidade muito grande para tal. Podem trabalhar em casa quando entenderem que é adequado, fornecendo nós condições muito boas para trabalharem em equipa, quando estão na empresa. Ao darmos isto, estamos a criar vínculos à cultura da organização, não só pela dinâmica da empresa, como por tudo o que podemos dar, e com este estímulo adicional, de ir para um local onde a sustentabilidade não é apenas falada, mas executada. Temos cuidado com as pessoas. Se num mês um colaborador precisar de dois dias para tratar de assuntos familiares, damos esses dois dias. Porque sabemos que é dessa forma que os talentos mais entregam e mais querem ficar. Por isso a nossa taxa de retenção é alta, porque temos mesmo esse cuidado. Eu achei que este seria um dos desafios principais dos últimos anos, mas concluímos que tem solução.

OER **Portugal é uma boa aposta para investimento na atualidade?**

SA Como a empresa é uma empresa farmacêutica muito focada nesta área, considero que estamos a evoluir na capacidade de sermos um bom país para investir. Quando digo evolução é porque, se por um lado acreditamos que temos as pessoas certas para poder investir aqui, e talento, por outro lado, há alguma dificuldade na competição com outros mercados, pela previsibilidade da área da saúde ou pela previsibilidade fiscal para poder investir. Dito isto, nós acabamos por garantir um fluxo de investimento crescente no nosso país. Mas queríamos mais. Eu acho que podemos ser um país ainda melhor para investir. Não atingimos ainda o potencial que o país tem. A realidade nacional tem de melhorar.

OER **Consegue imaginar um pacote de medidas para fomentar ainda mais a atração de investimento de qualidade?**

SA Para quem decide investir no país A ou no país B, tem de olhar para o país A, se for Portugal, e sentir que aqui há previsibilidade fiscal e clareza estratégica sobre como o país vai garantir a fixação do talento. Esse plano estratégico de médio prazo é essencial para que os decisores olhem para Portugal como esse lugar: estável, previsível e atrativo para maximizar o enorme potencial que o país já tem.

OER Isso é uma questão de investimento financeiro em diversas áreas, como por exemplo as bolsas dos investigadores...

SA Sim, as bolsas são um ótimo exemplo para demonstrar essa previsibilidade. A garantia de que isso se mantém, é uma política clara. Tem de haver uma demonstração de ambição por parte dos decisores. Somos um país com determinado PIB que, em média, é menor face aos países que competem diretamente connosco na busca deste tipo de investimento. Temos que demonstrar que, apesar dessas limitações, aproveitamos tudo o que temos. O talento, a estabilidade como sociedade – e que é muito bem vista – a localização geográfica...mas com clareza nessa mesma ambição. Esse é um ponto fundamental para sermos ainda mais vistos como local atrativo para investir.

OER A ciência e a tecnologia poderiam andar ainda mais vezes de mão dada com a cultura e educação. De que forma a Astrazeneca imagina poder vir a contribuir para estas últimas?

SA Compreendemos que devem andar de mãos dadas para um estímulo mútuo. Quando olhamos para a educação, é essencial termos essa ligação. Daí um conjunto de parcerias que temos com um grupo de universidades. É um número significativo de estagiários que recebemos todos os anos na nossa organização, com intuito de alimentar a ligação entre as universidades e a empresa, mas que se deve alargar ainda mais. Muitas vezes estabelecemos diálogos para tentar melhorar currículos de determinadas licenciaturas na área da ciência, portanto a área da educação está clara também. Tendo em conta este foco na vertente da educação, queremos encontrar pontos de ligação com a cultura de uma forma lata. Mais do que com a cultura, é com a sociedade que nos rodeia. Por isso, temos uma série de projetos com o município. Por exemplo, uma grande interligação com a área da Oeiras Solidária. A partir daí se ramifica um conjunto de outras ações. Ainda há um mês tivemos o chamado Dia da Companhia, que é um dia de atividades em que juntamos todos os colegas que estão espalhados pelo país. Nessa data, estabelecemos uma ligação com a Semear, uma instituição apoiada pelo município, e, no caso, estivemos todos nas instalações da Semear que tem grande ligação com a sociedade e com quem mais necessita. De tarde convidámos várias associações a juntarem-se a nós na empresa, seja no âmbito da solidariedade social, seja para inclusão de um conjunto de minorias ou da comunidade LGBT, para terem aqui o seu próprio espaço, para os conhecermos e para estabelecermos essa ligação. Querer fomentar este tipo de ligação parece-me ser uma boa génese para continuar a desenvolver esta componente cultural. Isto passa pela ligação entre empresa, colaboradores e associações, para depois chegar a algo mais. O que será esse algo mais, veremos nos próximos anos, mas, sem dúvida que estamos a dar passos sólidos para que isso evolua.

OER A empresa aposta no mecenato cultural?

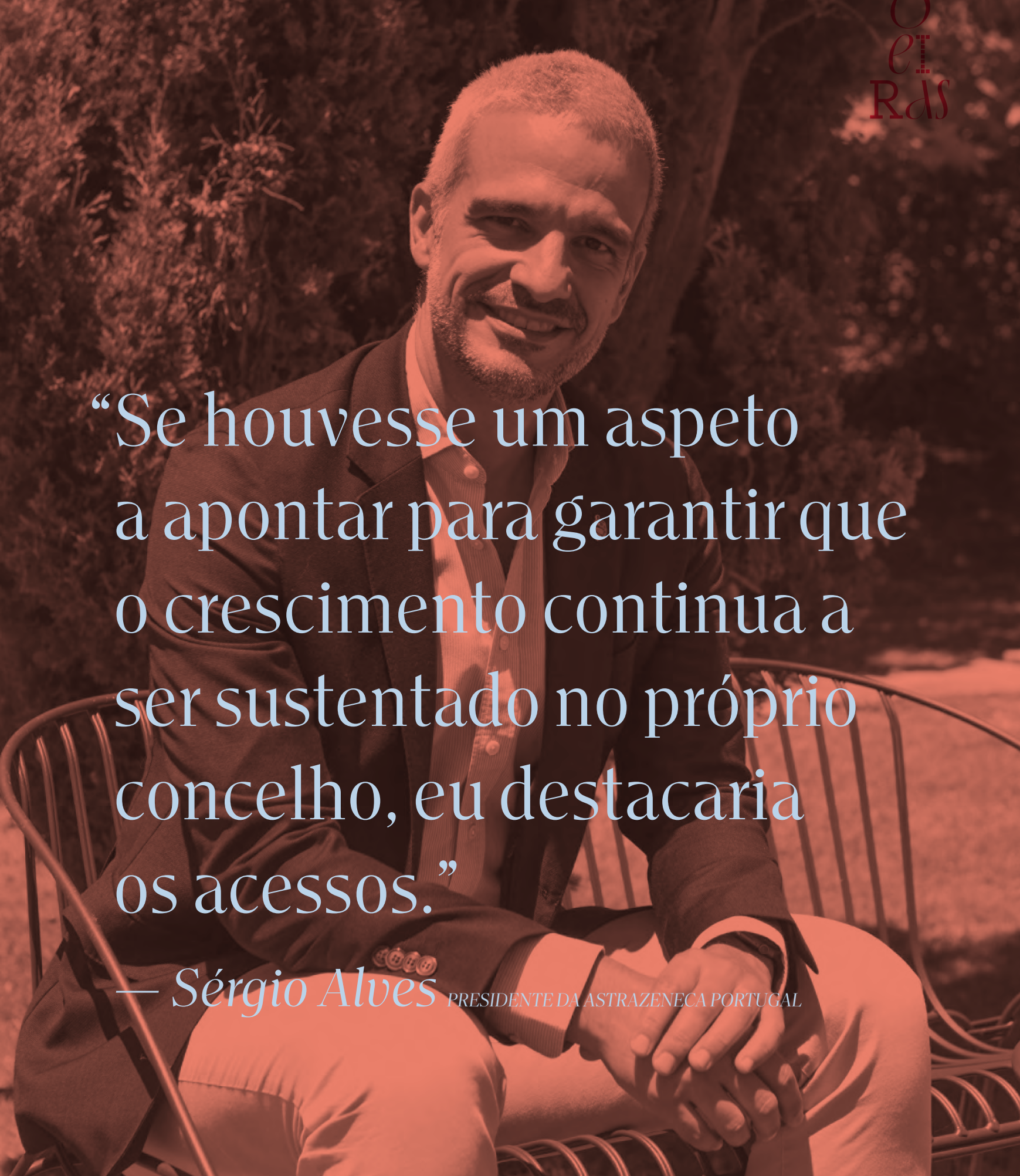
SA Como temos uma componente muito forte ligada à área da saúde, damos privilégio ao apoio à Ciência. Tendo em conta os recursos limitados que acabamos por ter, temos esse foco. O que não invalida que não possamos considerar esse tipo de ações, mas claramente temos uma orientação estratégica para podermos investir mais e marcar a diferença nas áreas da saúde, ciência e educação.

OER Apesar de não ser munícipe, trabalha no concelho. De uma maneira geral, o que é que Oeiras pode melhorar?

SA Oeiras tem-se destacado em várias áreas e o facto de haver uma maioria absoluta de empresas farmacêuticas no município, confirma a forma consistente como tudo foi feito. Como não sou munícipe, mas estou cá diariamente, o único ponto que poderia apontar está relacionada com os acessos ao próprio município. No fundo, temos aqui um número significativo de pessoas como eu, que vêm para o concelho, e acabam por ter algumas dificuldades nos acessos em algumas zonas. É certo que também já vimos alguma evolução, mas se houvesse um aspeto a apontar para garantir que o crescimento continua a ser sustentado no próprio concelho, eu destacaria os acessos.

OER Pode dar-nos exemplos de locais que frequente ou goste em Oeiras?

SA Acabo por não ter muita oportunidade para usufruir por razões de trabalho, portanto tenho de olhar para os últimos anos e destacar alguns eventos culturais de que me recordo. Por exemplo o Festival Jardins do Marquês, o Parque dos Poetas...onde passei momentos muito bons. A nível de restauração estão muito bem servidos. Gosto, por exemplo, da Casa Galega ou dos Arcos.



“Se houvesse um aspeto a apontar para garantir que o crescimento continua a ser sustentado no próprio concelho, eu destacaria os acessos.”

— *Sérgio Alves* PRESIDENTE DA ASTRAZENECA PORTUGAL

OEIRAS FLORESCE

OEIRAS ACEITOU O CONVITE do Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade para aderir à Rede de Cidades e Vilas que Caminham. Reforçar as condições de caminhabilidade, melhorar a qualidade de vida urbana, enriquecer as sociabilidades, melhorar os parâmetros de saúde pública, universalizar a utilização do espaço público para todos, melhorar o comércio local através da criação de centros comerciais ao ar livre, beneficiar a economia circular, diminuir a emissão de gases poluentes são alguns dos objetivos desta rede.



1



2



4



1 BARCARENA
Árvores na Fábrica da Pólvora

2 BARCARENA
Árvores na Avenida Casal de Cabanas e Alameda Oeiras Golf

3 JAMOR, CRUZ QUEBRADA
Árvores com folhas verdes na Avenida Pierre de Coubertin

4 LINDA-A-VELHA
Árvores com folhas verdes na Avenida José Gomes Ferreira

3

ZONA DE MATA
130 hectares

ÁREA TOTAL DE ESPAÇOS VERDES TRATADOS
280 hectares

ESPAÇOS DE REGADIO
180 hectares

ESPAÇOS DE SEQUEIRO
100 hectares

ÁRVORES
145 000

SISTEMAS DE REGA INTELIGENTES
65 hectares

MANUTENÇÃO

- 255 Hectares Contratação Externa: 8 Milhões de €/Ano
- 15 Hectares Administração Direta
- 10 Hectares Protocolo entre 2018 e 2023
- 15 300 Novas Árvores Plantadas
- 1 550 Em Espaço Urbano
- 1 000 Árvores Removidas

GONÇALO CRISPIM

"O TIPO DE SISTEMAS QUE DESENVOLVEMOS É CENTRAL NA SOCIEDADE"

TEXTO
Sónia Correia

FOTOGRAFIA
Carmo Montanha

Primavera
2024


Infinera
Infinera
Infinera
Infinera
Infinera

"Na Infinera, ultrapassamos os limites do que é fisicamente possível, trabalhando para uma Internet mais rápida e um mundo mais conectado, com um impacto direto na vida das pessoas". É assim que se apresentam os colaboradores da Infinera Lisboa, que desde 2019 ocupa um edifício localizado em Carnaxide, concelho de Oeiras, beneficiando das vantagens de um ambiente de cluster tecnológico que inclui uma estreita ligação com as universidades para uma precoce retenção de talentos. Para ficar a conhecer melhor a Infinera, conversámos com Gonçalo Crispim, o *site leader* de Lisboa.

OER **A que se dedica a Infinera? Fale-nos um pouco sobre a história de empresa.**

GC A Infinera é uma empresa que se dedica ao desenvolvimento de sistemas de comunicação ótica, sistemas que hoje em dia todos nós utilizamos, indiretamente, no nosso dia-a-dia, quando utilizamos a internet, quando utilizamos uma televisão, um serviço de streaming, quando fazemos uma chamada telefónica. Toda a transferência de dados numa arquitetura ou numa rede moderna provavelmente recorre a uma tecnologia de transmissão em fibra ótica. A Infinera desenvolve os sistemas, os equipamentos e as plataformas de gestão das redes que suportam esses sistemas de telecomunicações.

É uma empresa que tem uma história de cerca de 20 anos, um pouco mais, nasceu nos Estados Unidos, em Silicon Valley, graças à visão inovadora de um grupo de pessoas que entendeu que podia desafiar o paradigma tecnológico que suportava este tipo de sistemas e este tipo de plataformas. Depois de uma visão inovadora conseguiram ter um produto e um financiamento para criar uma empresa, para desenvolver esse produto.

Em Portugal este grupo tem uma história um pouco diferente. Começa há mais de 25 anos, praticamente 30 anos, no âmbito do grupo Siemens que nessa altura tinha uma área de negócio que se dedicava a esse tipo de plataformas. Nasce como uma equipa muito pequena de colaboradores no grupo Siemens, vai adquirindo mais competências, atraindo mais projetos, cresce e acaba por ter um protagonismo grande no ecossistema da Siemens, no desenvolvimento de sistemas óticos.

Nesta área das telecomunicações é frequente haver fusões e aquisições, pelo que esse grupo dentro da Siemens a dada altura foi alvo de uma joint venture com a Nokia. Mais tarde a Nokia decidiu desinvestir nessa área e esse grupo formou uma empresa independente, que foi adquirida por um parceiro dos Estados Unidos e assim – atravessámos aqui cerca de 15, 18 anos de história – chegámos a 2018.

Em 2018 este grupo que estava aqui em Lisboa foi adquirido pela Infinera. Temos assim um percurso com alguns capítulos. Dentro dessa realidade e dos desafios que cada uma dessas etapas trouxe, a empresa foi-se adaptando, foi-se transformando e chegámos a este ponto. Atualmente o nosso centro de desenvolvimento aqui em Carnaxide, além de research and development (R&D) inclui um centro de demonstração a clientes, várias equipas de serviços, vendas, área financeira... Somos um grupo com mais de 300 pessoas que trabalha a partir daqui para todo o Mundo.

A Infinera em Portugal, como Infinera, começa efetivamente em 2018, o ano em que se concretizou a aquisição por parte da empresa. Esta aquisição foi sendo preparada ao longo de um período de tempo alargado e formalizou-se no início de outubro de 2018. Nessa altura ainda estávamos no campus da Siemens, em Alfragide, e tínhamos já uma operação a decorrer para fazer o fit out e transformação deste edifício, o que decorreu até fevereiro/março de 2019.

Em detalhe a nossa mudança para este edifício foi efetuada em março de 2019 e foi a partir daí que nos estabelecemos neste edifício. Estivemos aqui cerca de um ano até que em março de 2020 interrompemos a nossa rotina de viagens para o escritório

“Num ambiente de investigação é muito importante a troca de ideias, o *brainstorming*, conseguir espontaneamente discutir uma ideia, um problema, uma solução, e isso muitas vezes resulta da interação que acontece ad hoc, que a presença física no mesmo espaço potencia.”

— *Gonçalo Crispim* *LISBOA SITE LEADER, INFINERA*

por causa da pandemia. Depois, com as diferentes fases da pandemia gradualmente fomos regressando – hoje estamos num dia em que temos muita gente no escritório, nós estamos a tentar motivar e atrair um pouco mais os colaboradores para virem com maior regularidade ao escritório, acho que é um esforço que todas as empresas nesta área, de uma forma ou de outra, estão a fazer. Em relação a isso, a nossa experiência é que quando as equipas estão estabelecidas, quando há uma relação pessoal, quando as pessoas se conhecem, quando há uma dinâmica de trabalho de equipa, as coisas fluem com outra velocidade e com outra eficiência. Quando temos elementos novos na equipa, quando estamos a contratar recém-licenciados, quando estamos a integrar conhecimento e capacidade nova, acho que todos beneficiamos, especificamente nestes ambientes de investigação e desenvolvimento, da colaboração direta, de termos alguém ao nosso lado a quem podemos colocar uma questão, com quem podemos conversar. E acho que é um pouco isto, pelo menos do meu ponto de vista, que motiva também esta estratégia de, pelo menos aqui em Portugal, estarmos a suportar com um pouco mais de disciplina esta direção.

OER **Do seu ponto de vista, o que pensa ser melhor, para a empresa e para os colaboradores?**

GC Eu acho que hoje em dia é inevitável considerarmos o sistema híbrido. Obviamente que depende do perfil e do tipo de funções que cada colaborador tem – nós temos funções, aqui no laboratório, que requerem interação com sistemas, com equipamentos, com outro tipo de dispositivos de laboratório, e aí não há regime remoto ou não há alternativa a estar no laboratório ou estar nas instalações da empresa. Mas para as funções que têm um perfil de atividade compatível, como são a maior parte das funções de investigação e desenvolvimento, acho que o regime híbrido é inevitável, reúne um conjunto de vantagens para o colaborador e para a empresa, tudo aquilo que nós valorizámos durante o tempo da pandemia, em que percebemos que conseguíamos trazer um equilíbrio diferente à vida familiar e à vida profissional. Obviamente que isso, em si, também tem os seus desafios, porque é preciso ter alguma atenção às barreiras, aos limites, e a conseguir separar as coisas. Acho que muitos de nós também sofreram porque, enfim, por voluntarismo ou outro tipo de característica, acabámos por deixar que as coisas se misturassem. Entretanto também se foi criando maior awareness para isso, acho que as empresas, de uma forma ou de outra, também trabalharam e tiveram sensibilidade para isso.

Portanto, conseguindo preservar essas barreiras, penso que o regime híbrido é o que permite explorar melhor esse potencial. É óbvio que num ambiente de investigação é muito importante a troca de ideias, o brainstorming, conseguir espontaneamente discutir uma ideia, um problema, uma solução, e isso muitas vezes resulta da interação que acontece ad hoc, que a presença física no mesmo espaço potencia. Mas vemos que as novas gerações procuram muito mais o regime remoto ou o chamado teletrabalho do que outras, hoje em dia é algo que, para sermos também competitivos no mercado, de alguma maneira temos de conseguir oferecer. O grande desafio do regime híbrido é depois conseguirmos, dentro de uma equipa, conciliar os dias de presença da equipa. Nós temos, na Infinera, alguma flexibilidade, não temos um regime que seja fechado ou ditatorial em relação a isso. Estamos, de facto, a tentar motivar e a tentar observar aqui uma disciplina maior, e vamos ajustando, observando como é que o processo vai evoluir e vamos ajustando.

OER **São, então, 300 colaboradores?**

GC Sim, em termos de colabores diretos temos perto de 300 e depois temos mais um grupo de consultores que trabalham connosco em determinadas áreas, mais específicas, mas o grupo de colaboradores, diretos e indiretos que temos aqui em Carnaxide, são neste momento 330 e qualquer coisa.

OER **São pessoas de que áreas?**

GC É um pouco abrangente: cerca de 2/3, 200 pessoas, a trabalhar em R&D, sobretudo engenheiros de software e engenheiros de teste, automation testers, pessoas que desenvolvem rotinas, tarefas de validação da funcionalidade dos nossos sistemas, temos depois um grupo de arquitetura do sistema, a que chamamos de systems architecture, temos o grupo de gestão da linha de produtos, que também é desenvolvida aqui, temos uma equipa com cerca de 40 pessoas na área dos serviços, customer support, são as pessoas que estão de prevenção, digamos assim, para quando os nossos clientes têm um problema, com um equipamento, com um sistema, com uma funcionalidade, temos uma equipa que está ligada a training e a atividades com clientes, receber clientes, demonstrar as capacidades dos nossos sistemas, das nossas plataformas, demonstrar o equipamento – uma componente grande destes sistemas é a componente física, é hardware, são sistemas que são instalados numa sala, num bastidor, que precisam de energia, de arrefecimento, de ar condicionado, têm um conjunto de requisitos e isso é algo que é também um fator diferenciador. Quanto mais nós conseguirmos reduzir o consumo de energia, que é hoje uma preocupação central e é uma prioridade também do nosso desenvolvimento, otimizar o foot print, ocupar o menor espaço possível com a maior capacidade possível, tudo isso é diferenciador e é algo


Infinera
Infinera
Infinera
Infinera
Infinera

que é valorizado por este tipo de atividade com showroom, com centro de demonstração, que nos permite mostrar a esses clientes que nos visitam. Temos ainda um conjunto de áreas centrais que suportam a operação, a área financeira, um shared center que suporta não só Lisboa mas também o resto da Europa, e todos os serviços de real estate, facilities, recursos humanos, information technology (IT), que terão menor expressão e menor dimensão em termos de número de pessoas mas que ainda assim têm o seu papel, obviamente.

OER **A equipa é constituída essencialmente por portugueses, inclui estrangeiros?**

GC Temos 11 ou 12 nacionalidades diferentes, diria que 80% da equipa são portugueses, cerca de 20% serão estrangeiros, não nacionais. Temos uma média de idades de 40/41 anos, 19 PHDs nos nossos quadros, falamos inglês na maior parte das nossas reuniões. Não tenho presente o exato split de género, mas é um ambiente predominantemente masculino, diria 75% de homens, 25% mulheres, situação que temos vindo a tentar alterar um pouco, o R&D tradicionalmente é predominantemente masculino, mas nas outras áreas vemos uma distribuição diferente e isso tem-nos permitido compensar um pouco.

OER **Em relação ao seu percurso profissional, já fazia parte desse grupo inicial da Siemens que deu origem à Infinera em Portugal?**

GC A minha ligação, curiosamente, nasce de um programa que tem sido importante para a competitividade da empresa, a nível nacional e a nível global, que é a proximidade com as universidades. O facto de termos ligações próximas com universidades de referência, onde numa fase inicial conseguimos, quer através das teses de mestrado, quer através dos estágios em ambiente empresarial, quer através das bolsas de emprego para recém-licenciados, atrair estudantes para os nossos quadros. A minha ligação nasce de um programa desses, eu estudei no Instituto Superior Técnico, na altura era uma licenciatura de cinco anos e tínhamos de fazer um trabalho de final de curso, um trabalho de investigação, que foi desenvolvido em parceria com a Siemens, na altura, e o meu percurso tem sido com a empresa, sempre ligado ao desenvolvimento de software, numa fase inicial mais no domínio dos equipamentos e das caixas, digamos assim,

“Temos 11 ou 12 nacionalidades diferentes [na Infinera], diria que 80% da equipa são portugueses, cerca de 20% serão estrangeiros, não nacionais. Temos uma média de idades de 40/41 anos, 19 PHDs nos nossos quadros, falamos inglês na maior parte das nossas reuniões.”

— *Gonçalo Crispim* *LISBOA SITE LEADER, INFINERA*

dos sistemas físicos, numa fase mais recente nas plataformas de gestão, as plataformas que têm um interface e permitem operar a rede à distância. Atualmente tenho esta responsabilidade, de ser o site leader aqui de Lisboa, um country manager, e tenho também a responsabilidade de uma das áreas de R&D da empresa, com uma equipa aqui em Lisboa e outra na Índia, e temos assim um distribuição um bocadinho mais global, com essa vertente.

OER **É um grande desafio?**

GC É extremamente desafiante. Por um lado, a indústria tem-se transformado e a nível tecnológico é um ritmo bastante elevado, a velocidade a que os produtos se desenvolvem, com que novas tecnologias e formas diferentes de desenvolver os produtos são incorporadas, são integradas nos nossos processos e no nosso dia-a-dia. Isso é muito desafiante e é algo que me motiva imenso no dia-a-dia e que vejo um pouco como a nossa missão.

Este tipo de sistemas, embora para a maior parte dos utilizadores de um telemóvel ou de um equipamento que requeira transmissão de dados sejam desconhecidos, porque, enfim, ouvimos falar das fibras óticas, da velocidade e da capacidade, mas é um mundo assim muito à parte, perceber o nosso contributo para esse mundo, e como o tipo de sistemas que desenvolvemos fazem todo esse mundo funcionar, é central, na sociedade, na economia, na investigação, em muitas dimensões do que nós conhecemos e faz a sociedade andar para a frente hoje em dia, isso é algo muito gratificante e que dá uma recompensa enorme.

Além disso, este papel de site leader aqui de Lisboa, dentro de um ecossistema como o que a Infinera tem, com múltiplos centros de desenvolvimento, com múltiplos sites, contribuir para esse ecossistema e tentar fazer de Lisboa um site que se diferencia, pela sua competência, pela sua capacidade de entrega e pela abrangência que tem, acho que isso foi algo que conseguimos nos últimos anos, afirmámo-nos bastante com essa abrangência, porque passámos de um nicho, onde estávamos muito focados e muito centrados em determinadas áreas de R&D e hoje em dia temos uma abrangência, uma complementaridade muito maior.

OER **Numa empresa global, os portugueses são bem vistos profissionalmente pelas suas competências e pelo seu desempenho?**

GC Sim, acho que conseguimos afirmar-nos com essa imagem. Acho que algo que moldou um pouco aqui a cultura mais local da empresa foi o facto de termos vivido algum tempo numa matriz mais alemã, e isso foi um complemento muito bom para alguma falta de organização, alguma falta de estrutura e alguma falta de processo que nós, portugueses, tendemos a facilitar ou a não dar a importância que depois eles acabam por ter.

Penso que isso moldou a nossa cultura e fechou aqui um círculo que nos posicionou bastante bem. Isso hoje em dia é algo que é bastante apreciado, do exterior: não só aquela capacidade de adaptar, de ter flexibilidade, de reagir a imprevistos de uma forma mais criativa e com resultados muito interessantes, não só isso, mas também depois uma estrutura a nível de processos, de fiabilidade da informação que passamos e da execução que é muito importante para sermos vistos como parceiros de confiança, com capacidade não apenas de dizer mas também de demonstrar à medida que vamos fazendo que não só as coisas estão a acontecer como estão a acontecer à velocidade que tínhamos planeado.

Hoje em dia a capacidade de adaptação das empresas, sobretudo nestas áreas de R&D, é um fator de competitividade fundamental, diferenciador, porque, como eu dizia, os ciclos de introdução de nova tecnologia e de novas realidades de desenvolvimento são muito mais rápidos. Por isso às vezes essas culturas onde temos uma carga processual muito elevada também não são as mais ágeis, ou as mais fáceis de adaptar para incorporar este tipo de mudança. Mas ter isso como base, e perceber pelo menos alguns pilares ou alguns conceitos fundamentais desse tipo de abordagem é importante e, como disse, é talvez mais um elemento cultural, que no modelo de pensamento acaba por influenciar, do que um elemento que faz parte do dia-a-dia e já está tão embebido que o fazemos sem pensar muito.

OER **Em relação à integração da empresa no concelho, como é que decorreu?**

GC Em relação à nossa integração no concelho, uma coisa que às vezes discutimos é que se calhar gostávamos de ter uma forma de receber as nossas visitas ou os nossos colegas de trabalho em viagens de negócios mais no concelho do que propriamente em Lisboa. Temos feito um esforço para isso, mas a verdade é que às vezes acabamos por não conseguir encontrar em Oeiras aquilo que encontramos em Lisboa ou Cascais, em termos de oferta e de capacidade hoteleira. Acho que é um ponto que pode ser melhorado.

Ao nível da nossa integração e dos colaboradores, nós fizemos um estudo, quando estávamos à procura de um espaço alternativo, e este foi um local que cumpriu uma quantidade de requisitos, entre os quais estar no centro da dispersão geográfica dos nossos colaboradores e obviamente nessa altura

estávamos numa fase onde ainda toda a gente vinha ao escritório praticamente todos os dias, embora já tivéssemos alguns modelos de teletrabalho, não era tão generalizado como é agora, mas tivemos esse ponto em consideração.

Isso mostra que uma percentagem grande dos nossos colaboradores está também no concelho. O que temos continuado a fazer é um conjunto de parcerias, explorar um conjunto de acordos com ginásios, restaurantes, outras entidades, que estão aqui nesta área e nos oferecem vantagens ou serviços de que precisamos. Nas nossas atividades de equipa procuramos fazer também atividades outdoor e algum tipo de ligação com a comunidade, temos feito um conjunto de doações e outro tipo de iniciativas e ligação com instituições de solidariedade.

OER **Para o futuro, quais são os principais desafios que se colocam, no que diz respeito à atividade da empresa?**

GC Eu acho que os principais desafios estão relacionados com a atração e a retenção de talento. Cada vez assistimos a uma maior dificuldade em obter recursos qualificados na área das telecomunicações, uma área com muita atratividade há 20, 30 anos, que tem vindo a deixar de ser. Hoje em dia vemos mais interesse no data science, na inteligência artificial, na robótica, o interesse em telecomunicações tem vindo a ser desviado.

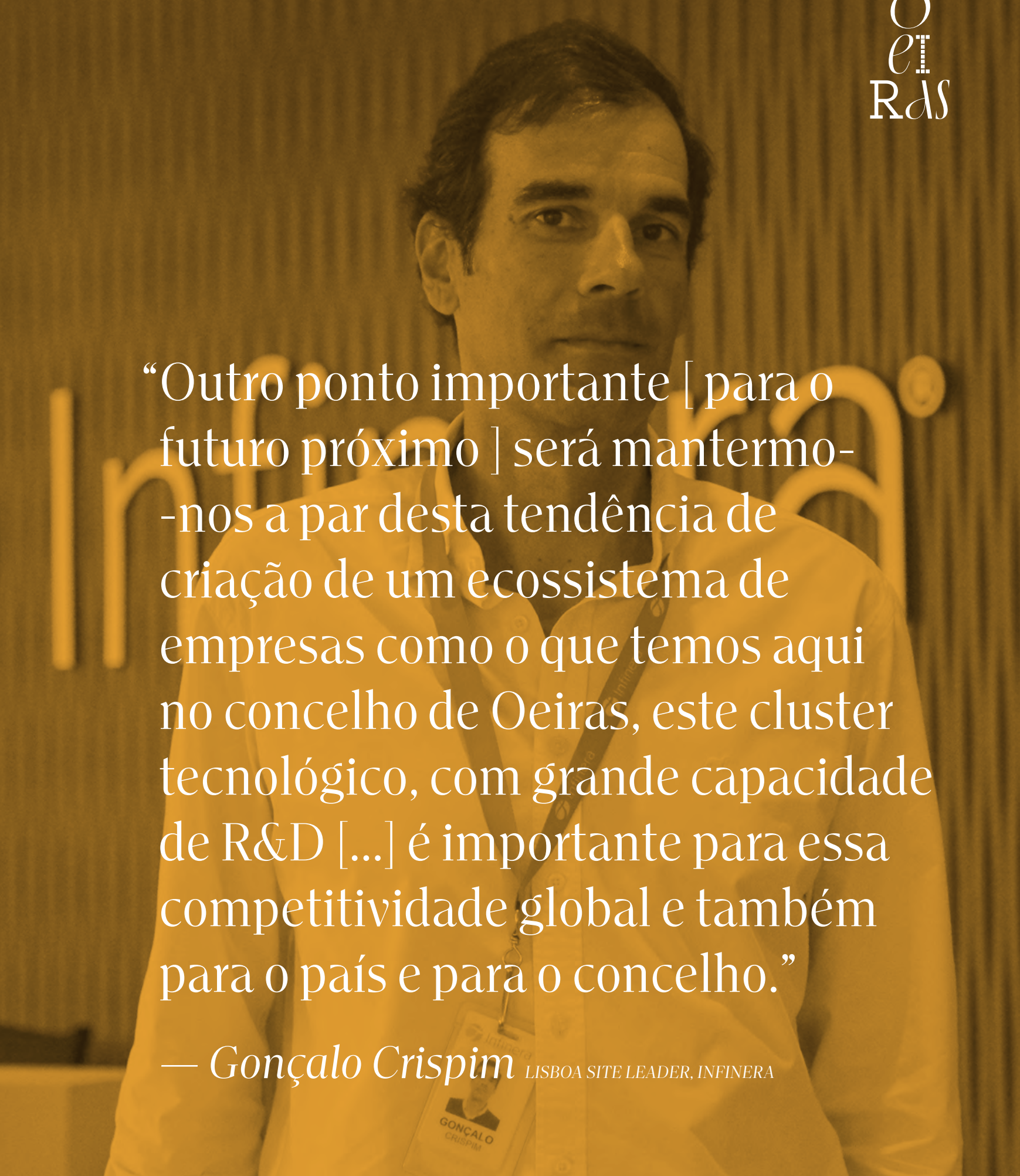
Nós temos continuado este tipo de ligação com as universidades e fomentado aqui um conjunto de programas para atrair alunos e continuar a ter formação qualificada nesta área. Outro desafio, ou outro ponto que temos de continuar a trabalhar, é esta questão do propósito, da missão, do trabalho em equipa, e esta questão de conseguir encontrar um modelo híbrido que por um lado potencie todas estas vantagens de que falámos e, por outro lado, também permita que a criatividade e a inovação flua nas equipas, apareça e seja conduzida de uma forma eficaz.

Penso que este é um desafio que vamos continuar a enfrentar nos próximos anos, porque as novas gerações, como eu estava a dizer, têm uma expectativa um pouco diferente e temos de encontrar aqui esse equilíbrio. Outro ponto importante será mantermo-nos a par desta tendência de criação de um ecossistema de empresas como o que temos aqui no concelho de Oeiras, este cluster tecnológico, com grande capacidade de R&D, conseguirmos fomentar isso, trabalharmos em rede com outras empresas, é importante para essa competitividade global e também para o país e para o concelho. O facto de Portugal estar integrado na União Europeia, num sistema monetário e político com estabilidade, sem grandes conotações ou limitações, potencia-nos e dá-nos uma vantagem competitiva por comparação com outras geografias, e isso é um elemento muito importante, é um desafio contínuo.

OER **Na prática, que vantagens existem em estar integrado num cluster tecnológico?**

GC Há algo que se calhar numa visão de curto prazo tem uma conotação negativa, que é o facto de permitir uma rotatividade de recursos e isso, enfim, se calhar numa visão de curto prazo tem impacto, às vezes é limitador e obviamente que traz problemas para as empresas resolverem, mas numa visão de mais longo prazo também traz uma dimensão de desenvolvimento pessoal e de desenvolvimento de competências que é muito importante.

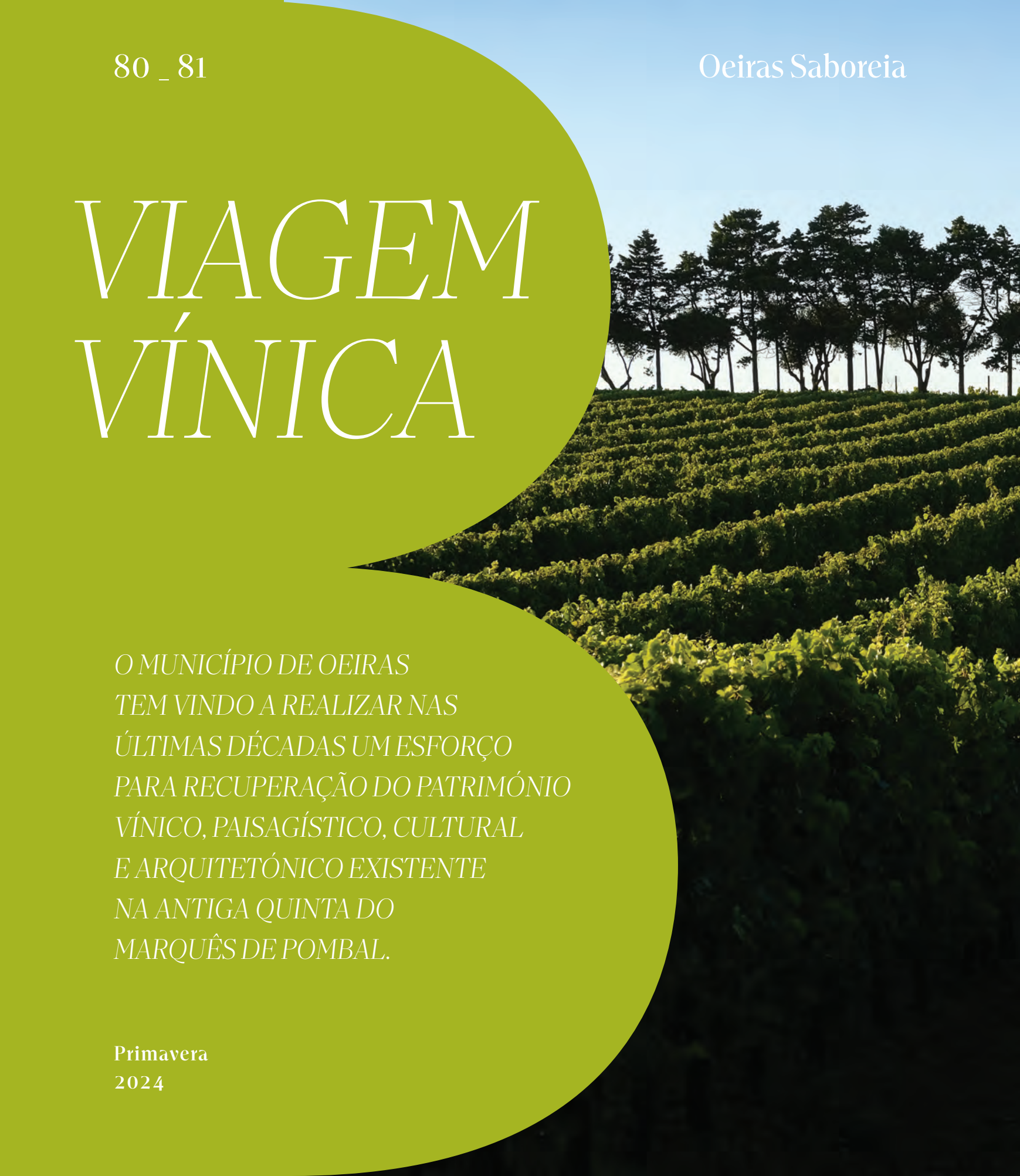
Talvez realçasse, neste âmbito, uma iniciativa que fizemos com o Instituto Superior Técnico onde um conjunto de empresas de diferentes áreas tecnológicas mas a operar aqui e em R&D formaram um grupo, se associaram, para estabelecer um conjunto de incentivos para os alunos nas áreas das telecomunicações, por exemplo, formaram um programa de bolsas de mérito, de prémios de desempenho, de estágios de verão, de oportunidades de investigação. Isso nasce de um alinhamento, ou pelo menos de uma associação destas entidades, destas empresas, que querem potenciar e que veem vantagem em potenciar esse movimento. O resultado prático é sobretudo conseguirmos adaptar mais a formação e a qualificação desses recursos às necessidades que temos. No nosso caso, em particular, a investigação da transmissão em fibras óticas é algo que no mercado nacional é residual, é um pouco um nicho, e se não conseguirmos ter esta ligação e esta proximidade, depois vamos demorar muito mais tempo a formar esses recursos e obviamente que se conseguirmos mediar um pouco essa carga todos beneficiamos com isso.



"Outro ponto importante [para o futuro próximo] será mantermo--nos a par desta tendência de criação de um ecossistema de empresas como o que temos aqui no concelho de Oeiras, este cluster tecnológico, com grande capacidade de R&D [...] é importante para essa competitividade global e também para o país e para o concelho."

— *Gonçalo Crispim* LISBOA SITE LEADER, INFINERA

VIAGEM VÍNICA



O MUNICÍPIO DE OEIRAS TEM VINDO A REALIZAR NAS ÚLTIMAS DÉCADAS UM ESFORÇO PARA RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO VÍNICO, PAISAGÍSTICO, CULTURAL E ARQUITETÓNICO EXISTENTE NA ANTIGA QUINTA DO MARQUÊS DE POMBAL.

Primavera
2024



É AGORA POSSÍVEL REALIZAR VISITAS GUIADAS ÀS VINHAS E ADEGAS COM PROVAS DE VINHOS VILLA OEIRAS

Visita Guiada à Adega e Provas do Vinho Villa Oeiras

Visitas Guiadas – Dias e Horários:
Quarta-Feira – 15h00-16h45
Sexta-Feira – 15h00-16h45
Sábado – 11h00-12h45

Outros horários mediante disponibilidade

A PARTIR DE 4 PESSOAS
Reservas até 24h antes da realização da visita.

Preços: A partir de 15€ por pessoa (gratuito até aos 18 anos)
E-mail de reservas: enoturismo@oeiras.pt

Oeiras Saboreia



Esta é uma viagem vínica, uma viagem que acontece na mais pequena região demarcada de Portugal - Região Demarcada de Carcavelos. Uma viagem atribulada e quase interrompida. Mas que hoje esta região, de tão pequena, agiganta-se pelo resultado que produz. São seis seculos de um vinho que nos chega em tons de mel, encorpado que perfaz um dos quatro magníficos generosos portugueses. Esta é a história do Carcavelos, um generoso secular nos saberes e intemporal nos sabores. Esta é, também, a história de uma autarquia que ousou ultrapassar os limites do que é recuperável e deu à população a memória de um generoso que persiste, que resiste e que está ao alcance de todos.

Experiências

Visita Guiadas & Provas de Vinhos e Azeite Villa Oeiras
2, 4 ou 6 vinhos + 1 azeite
Visita Guiadas & Provas de Vinhos, Azeite + Harmonizações com produtores regionais como doçaria local, queijo e patés








CARCAVELOS
Villa
OEIRAS

RUI NAS

Qual a coisa mais engraçada que viu recentemente?
Estou sempre a ver coisas engraçadas. Aliás, no dia em que as deixar de ver é porque não estou a viver a vida como deve ser. É importante não perder esta capacidade de achar graça (no sentido de "piada" mas também no sentido teológico, mas isso seria outra conversa) no nosso dia a dia.

Respondendo à pergunta: Ontem os cães que temos em casa. Vi a bulldog francês a fazer de vigia à sua comida e quando o fila de S. Miguel (cinco vezes maior) chega perto ela desata a comer, sem vontade. Apenas para garantir que o outro não come do seu prato.

Qual a maior extravagância que alguma vez fez?
Foi viajar para o outro lado do Mundo, aos 26 anos, e fazer uma surpresa à minha atual mulher, sem aviso, apenas para estar com ela.

Se fosse um animal, qual seria?
Um dos pássaros que costumam visitar o meu jardim.

Qual o seu filme favorito?
"Deer Hunter" (1978) (O Caçador), de Michael Cimino. É um filme duro com um final muito triste, maravilhosamente interpretado por Robert de Niro, John Cazale, Chistopher Walken e Meryl Streep

Conte-nos uma embirração sua.
Honestamente, não me lembro. O que eu acho que é um bom sinal. Pelo menos, trabalho todos os dias para não ter "embirrações". É um sinal de pouca evolução pessoal.

Qual o projeto mais disparatado/arrojado que tem, e que acha que vai mesmo concretizar?
Gostava de fazer um conteúdo pelo mundo, a conversar com pessoas interessante e experienciar muita coisa. No fundo, algo que pudesse partilhar e inspirar outros a viver a vida valorizando e respeitando as pessoas à sua volta e sem medo de experimentar (quase) tudo.

De que é que gosta, mas tem vergonha de assumir (um guilty pleasure)?
O meu problema para essa pergunta é que não tenho "vergonha" de assumir praticamente nada... Posso me sentir "culpado" em gostar de coisas que enfim "não acrescentam", "são pouco sofisticadas"? Posso, mas não sinto... mas isso é importante e só revela que "sabemos andar na vida" sem receio de julgamentos. Ou que ache graça a algo "politicamente incorreto". Mas, mais uma vez, é tão importante este leve ato de "transgressão" que não prescindo dele...

Que alcunha tinha/tem em casa ou teve na escola?
Não me lembro bem, mas creio que algumas vizinhas me chegaram a chamar "Rui reguila" quando era criança. Mas não pegou.

O momento mais embaraçoso da vida?
Houve uma queda de moto, não minha mas da minha namorada que ia à pendura quando arranquei em frente de uma esplanada a toda a velocidade só para "dar nas vistas"... enfim, dei.



O seu local/locais preferido em Oeiras?

Vamos excluir o alpendre da minha casa, certo? Indiscutivelmente os jardins do Palácio do Marquês.

O seu maior vício?
Faço questão, sempre que posso, de não fazer absolutamente nada e estar apenas em contemplação. Gosto daquilo que Platão intitulava de "divino ócio" que não se deve confundir com preguiça. É um encontro comigo mesmo onde alimento a alma e cultivo o espírito.

O que a maioria das pessoas não sabe sobre si?
Possivelmente este lado mais espiritual, mas que não tento esconder. Aliás, pelo contrário, creio que devo demonstrar que é um caminho aconselhável para uma vida boa.

Se pudesse começar tudo de novo, o que faria?
Essa pergunta se me fosse feita há mais tempo teria uma resposta diferente. Hoje, respondo que faria exatamente tudo igual para chegar onde e como me encontro neste momento.

Qual o seu ator/atriz e apresentador/a favoritos?
Sou péssimo para responder a essas perguntas, não decoro nomes de atores e atrizes... Há interpretações de atores que não são muito conhecidos que me marcaram e há papéis de atores que admiro imenso em que, para mim, eles não estiveram tão bem. Mas vou dar aqui um exemplo, Bob Odenkirk (tive de ir ao Google para me lembrar do nome) fez um apelo incrível no "Better Call Saul". Uma personagem com tantas, como se costuma dizer, camadas. Mas aqui muitas delas paradoxais e em conflito.

Se fosse uma personagem de ficção, quem seria?
Seria uma figura da mitologia grega. Não por ser imortal, ou com superpoderes... mas porque podemos rever-nos nos heróis e deuses da mitologia grega no seu trajeto. Assim compreendemo-nos nos nossos defeitos humanos, e inspiramo-nos no lado divino que todos temos. Desde um conhecido Hércules ou um Ulisses... mas também um Dionísio ou Hefesto...

O que o faz perder a cabeça?
O egocentrismo expresso em desprezo pelo outro e pela natureza.

Atualmente, quem é que o faz rir mais?
Não é quem... é mais com quem. Tenho a felicidade de ter amigos que têm muita graça e quando estou com eles há um lado meu que é sublimado. Rir com amigos é das melhores coisas do mundo.

Três coisas que lhe faltam fazer?
Gostava de visitar a ilha da Pascoa, ir à Antártica, Patagónia, Japão. Fazer uma tatuagem numa tribo do Panamá, ter uma experiência de gravidade zero, fazer um retiro na escuridão de 10 dias, etc., etc...

O seu local/locais preferido em Oeiras?
Vamos excluir o alpendre da minha casa, certo? Indiscutivelmente os jardins do Palácio do Marquês.

A coisa mais cómica/disparatada que encontrou no concelho?
Ainda não me aconteceu nada digno de ser mencionado a esse nível.






miguel
arturo

OEIRAS
VALLEY
PORTUGAL

MUNICÍPIO
OEIRAS